

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**Diferenciação Pedagógica: Ver para além do visível**

Ana Patrícia Néo

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado por: Professora Doutora Ana Teresa Brito

Mestre Paulo Pires do Vale

Ano Lectivo 2014/2015

Junho 2015



**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**Diferenciação Pedagógica: Ver para além do visível**

Ana Patrícia Néo

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado por: Professora Doutora Ana Teresa Brito

Mestre Paulo Pires do Vale

Ano Lectivo 2014/2015

Junho 2015



Dedico este relatório final ao meu filho e ao meu marido,  
pelo apoio incondicional que me foram dando ao longo dos anos de curso.  
Vocês são a minha vida.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, expresso a minha dívida de gratidão para com os meus professores orientadores: professora Ana Teresa Brito e professor Paulo Pires do Vale, são sem dúvida um modelo para mim. Apraz-me assinalar que a ajuda científica e humana que deles recebi foi primordial para que este trabalho se pudesse concretizar.

Agradeço à fundadora da minha Escola, Maria Ulrich, sem ela não teria tido a oportunidade de conhecer pessoas fantásticas que me deram a conhecer um novo mundo, professores de excelência, com valores de excelência. Agradeço também à equipa de primeiro ano professora Isabel Adragão, professora Cecília Moreira, professora Margarida Marques. Equipa de segundo ano, professora Leonor Menezes. Equipa de terceiro ano, professora Patrícia Limpo, professora Maria Lacerda. Agradeço à professora Teresa Meireles pela sua entrega e dedicação, ao professor Fernando Barone, pela sua generosidade. Agradeço à professora Manuela Fonseca, pelos seus ensinamentos que foram sem dúvida fundamentais para que eu conseguisse aceitar as provas duras que a vida me tem dado. Agradeço à Élia, sempre com um sorriso e disponibilidade.

Agradeço a todas as educadoras/ professoras cooperantes que tiveram a amabilidade de me acolher nas suas salas de aula, mostrando-me a riqueza do seu trabalho diário assim como o esforço e dedicação necessária. Educadora Ema, Professora Ana Eduarda, Educadora Genna, Professora Natália. Obrigada.

Agradeço à direcção do meu agrupamento de escolas que me permitiu realizar o estágio em horário laboral.

Agradeço à minha antiga coordenadora Lita, pelo apoio incondicional que me deu.

Agradeço às crianças que tanto contribuíram para que eu crescesse e evoluísse, tanto a nível pessoal como profissional, é maravilhoso quando nos autorizam a entrar no seu mundo.

Agradeço à minha família, nada disto teria sido possível sem vocês. Agradeço às minhas amigas Inês Antunes, Paula Frazão, Sofia Caldas, Joana Almeida que bom ter-vos conhecido. Agradeço às minhas amigas especiais Márcia, Sandra, Patrícia, Cecília, que acreditaram em mim e disseram que eu seria capaz, que esta seria a minha vida. Não é que é mesmo!

*“Só se educa inteligentemente se se educa pelo coração e com amor”*

João dos Santos, *Ensaaios sobre Educação – O Falar das Letras*



## **Resumo**

O tema deste relatório final, a Diferenciação Pedagógica, emerge da necessidade de perceber como é que a mesma é entendida e realizada no contexto de sala. O presente trabalho foi realizado numa turma de 3º ano de escolaridade, envolvendo crianças com idades compreendidas entre os oito e os dez anos de idade. O objetivo deste estudo consiste não só em compreender como é feita a Diferenciação Pedagógica em 1º ciclo, mas também as estratégias utilizadas para ultrapassar as diversas dificuldades que vão surgindo na sua implementação.

A metodologia que me permitiu elaborar esta investigação foi de carácter qualitativo sendo os instrumentos de recolha de dados a observação, as notas de campo, assim como a entrevista semi - estruturada à professora titular e à professora da educação especial.

Para ver as questões associadas ao problema respondidas, realizei uma fundamentação teórica que me permitiu ter um entendimento dos conceitos chave inerentes ao tema em estudo. Por fim, foi necessário proceder à análise dos dados recolhidos a partir das questões colocadas, evidenciando-se que a Diferenciação Pedagógica se faz sobretudo ao nível das metodologias adaptadas. As estratégias de Diferenciação Pedagógica implementadas na sala de aula foram diversas, tendo sido aplicadas a todos os alunos e não apenas aqueles com dificuldades de aprendizagem. A professora cooperante utiliza o Modelo Curricular da Escola Moderna como base para desenvolver a diferenciação. Sublinha-se a relevância da intencionalidade pedagógica, sempre que possível partilhada e projectada em equipa, na sua efectiva concretização.

Palavras-chave: Diferenciação Pedagógica, aprendizagem, individualização, inclusão.

## **Abstract**

The theme of this final report, "Educational Differentiation" emerges from the need to comprehend how the same is understood and carried out in a classroom context. This work was carried out in a 3rd grade class, involving children aged between eight and ten years old. The aim of this study is not only to understand how is the Pedagogical Differentiation conducted in the 1st cycle, but also the strategies used to overcome the various difficulties That arises in its implementation.

The methodology that allowed me to prepare this research was qualitative and the instruments for data collection were observation, field notes and a semi - structured interview to the class teacher and to the special education teacher. To answer the issues associated with the problem, I performed a theoretical foundation that allowed me to have an understanding of the key concepts inherent to the studied subject. Finally, it was necessary to analyze the data collected from the formulated questions, showing that the Pedagogical differentiation is conducted particularly in terms of adapted methodologies. The Pedagogical differentiation strategies implemented in the classroom were several and were applied to all students, not just to those with learning difficulties. The cooperating teacher uses the Curriculum Model of Modern School as a basis to develop the differentiation. It should be emphasized the relevance of pedagogic intent, shared and projected in teamwork whenever possible to an effective implementation.

Keywords: Pedagogical differentiation, learning, individualization, inclusion.

## Índice

Introdução .....	1
CAPÍTULO I Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES).....	4
<b>1. Diferenciação pedagógica – Percurso para a qualidade</b> .....	4
<b>2. A Relação Pedagógica – Inclusão</b> .....	9
<b>3. Diversificar o currículo para promover a equidade</b> .....	13
<b>4. Metodologia</b> .....	16
<b>4.1. Pesquisa Qualitativa</b> .....	16
<b>4.2. Técnicas de Recolha de dados</b> .....	17
4.2.1 Observação participante.....	17
4.2.2 Notas de Campo .....	18
4.2.3 Entrevista semi-estruturada, .....	19
CAPÍTULO II Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente .....	20
<b>1. Caracterização da Instituição</b> .....	20
CAPÍTULO III A prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição.....	24
<b>Aspectos gerais da PES – a turma, sala de aula e o ambiente educativo</b> .....	25
<b>1.1. Actividade proposta e observação directa com recurso a notas de campo (Anexo X)</b> .	27
<b>1.2. Praxis da professora estagiária com a aluna NEE</b> .....	29
<b>1.3. Análise das entrevistas semi - estruturadas realizadas à professora cooperante e professora de educação especial. (Anexo IV, Anexo VI)</b> .....	31
Capítulo IV CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
Bibliografia .....	39
Anexos .....	41
Anexo I-Quadro I – Elementos essenciais, a nível nacional e internacional, na evolução de conceitos e práticas de inclusão- “\Escola para Todos” .....	41
Anexo II -Quadro II- Perspectiva centrada no aluno e no currículo. ....	43
Anexo III -Autorização para efectuar gravação concedida (professora educação especial). ....	44
Anexo IV-Reprodução integral da entrevista. ....	45
Anexo V -Autorização para efectuar gravação concedida (professora cooperante) .....	48
Anexo VI -Reprodução integral da entrevista .....	49
Anexo VII-Actividade nº1 .....	54
Anexo VIII-Fichas de interpretação relativas à actividade 1 .....	60
Anexo IX -Nota de Campo nº5. ....	67
Anexo X -Nota de Campo nº6.....	70

Anexo XI-Nota de Campo nº1 .....	72
Anexo XII-Imagem método vinte e oito palavras. ....	74
Anexo XIII -Guião de entrevista. ....	75

## Introdução

O presente relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, resultando do trabalho realizado em 1º ciclo numa turma de 3º ano de escolaridade. Sendo o estágio um tempo privilegiado para observar, planejar, agir, avaliar, reformular, todas estas acções estão interligadas e em constante movimento.

Passo a referir os objectivos da Prática de Ensino Supervisionada por áreas de aprendizagem:

Relações Interpessoais	Objectivos	Objectivos Específicos
	Desenvolver a relação com os agentes educativos no contexto institucional	<ul style="list-style-type: none"><li>• Procurar partilhar com a professora cooperante, a motivação que sente para a acção;</li><li>• Conhecer, integrar, participar e interagir no contexto da instituição<ul style="list-style-type: none"><li>□ Observando e respeitando as relações institucionais em presença;</li><li>□ Observando e respeitando a intencionalidade pedagógica em sala;</li><li>□ Colaborando de forma integrada e propositiva no âmbito da instituição e da prática pedagógica;</li></ul></li></ul>
	Desenvolver a relação com as crianças / alunos	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ser agente de desenvolvimento de aprendizagens formais, não formais e/ou informais e do desenvolvimento das competências essenciais.</li><li>• Ser parceiro aprendiz com a professora no ambiente comunicacional do grupo de crianças em sala.</li><li>• Estabelecer linguagem de proximidade com as crianças e gerir as situações comunicacionais, para, de acordo com a faixa etária:<ul style="list-style-type: none"><li>□ Conhecer a criança e promover interação, segurança emocional e desenvolvimento;</li><li>□ Compreender como as crianças conhecem, apreendem e aprendem;</li><li>□ Proporcionar contextos de aprendizagem significativos e favoráveis observando e</li></ul></li></ul>

		orientando as suas trajectórias.
Intervenção Pedagógica	Desenvolver capacidades de Intervenção pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Colaborar na promoção do bem-estar, no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.</li> <li>• Revelar empenho e criatividade, a par da vontade de experimentar diferentes metodologias.</li> <li>• Conhecer a organização dos tempos, dos espaços e dos recursos na sala de aula.</li> <li>• Favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas, considerando a criança como sujeito do processo de aprendizagem.</li> <li>• Organizar situações e materiais de aprendizagem e desenvolver estratégias diversificadas.</li> </ul>

O tema por mim estudado foi a Diferenciação Pedagógica, pois tornou-se evidente, no decorrer do estágio, que existia a necessidade de responder às singularidades e diferenças de cada um, tanto em trabalho cooperativo como individualmente. Esta diferenciação teve de passar pela articulação na diferenciação de abordagens assim como pela gestão dos processos educativos, em que procurei desenvolver um trabalho promotor da formação global dos alunos potenciando condições favoráveis à construção de percursos bem definidos para os alunos. Segundo José Morgado (1997), as dimensões envolvidas na Relação pedagógica são: o aluno, o professor, o grupo turma, as metodologias, o currículo e a gestão curricular, as actividades de aprendizagem, a escola, o meio familiar. O sucesso ou insucesso desta Relação Pedagógica surge da interacção destas dimensões, ou seja, através da forma como operacionalizam, de facto, uma abordagem pedagógica diferenciada.

Neste sentido, surgiram quatro questões problema:

- De que forma se evidencia a Diferenciação Pedagógica no grupo/turma?
- Quais as estratégias de Diferenciação Pedagógica utilizadas pelo professor (a) de 1º Ciclo (mais concretamente na minha turma de estágio)?

- Qual a importância da Diferenciação Pedagógica para a promoção de uma educação inclusiva?
- No caso das crianças com Necessidades Educativas Especiais incluídas na turma, com apoio do professor de educação especial, de que modo é feita a articulação entre o professor(a) de 1º Ciclo e o professor(a) de educação especial?

O Capítulo I é constituído pelo enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES); o Capítulo II, pela caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente; o Capítulo III trata da PES na instituição, relatando e contextualizando as actividades realizadas. Para finalizar, no Capítulo IV, apresentam-se as considerações finais.

## **CAPÍTULO I**

### **Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)**

#### **1. Diferenciação pedagógica – Percurso para a qualidade**

A escola desempenha um papel fundamental na formação de indivíduos, traduzindo-se hoje no alargamento progressivo do período de escolaridade obrigatória, assim como na quantidade de tempo que as crianças passam na escola. Deste modo, a escola terá cada vez mais de responder não somente aos alunos que nela procuram um conjunto de «saberes», mas principalmente, ao enorme desafio de formar pessoas. Neste sentido, percebi no decorrer do estágio que os alunos da turma onde o realizei diferiam entre si pela sua origem, pela sua cultura, pelas aquisições anteriores e pelas relações que estabeleciam. Logo, concluí que as suas aprendizagens não poderiam ser realizadas da mesma forma - teria de diferenciar o processo de modo a que o resultado obtido fosse de sucesso para todos. Daqui emergiu o meu tema de estudo: “Diferenciação Pedagógica - Ver para além do visível”. Deste modo, sublinho a necessidade de um tipo de ensino estimulador de aprendizagens de alunos com diferentes níveis de desempenho académico, com vista a um ensino abrangente, igualmente relevante para todos (Tomlinson & Allan, 2002).

Tomlinson e Allan (2002) sugerem a seguinte definição de Diferenciação:

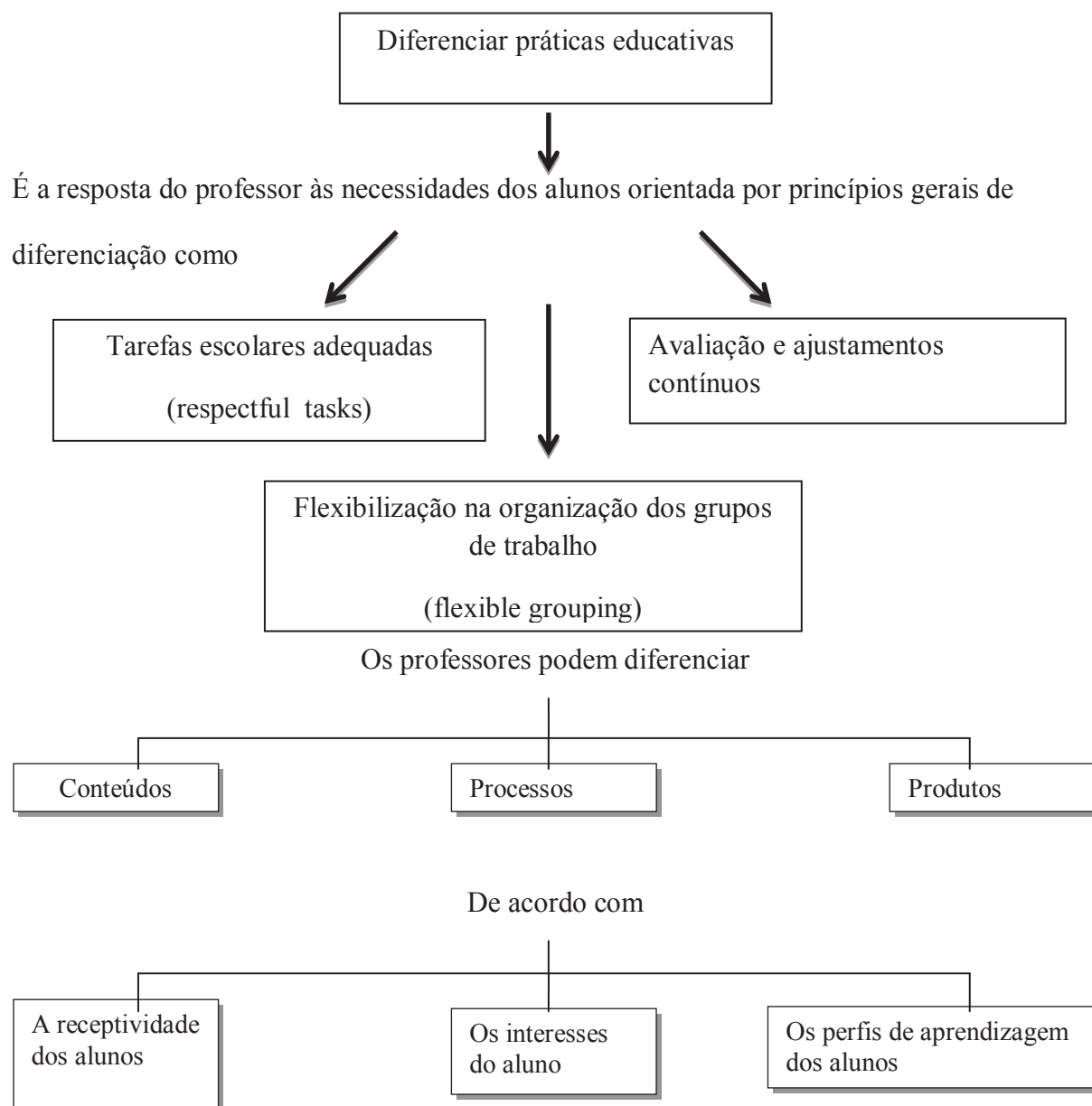
No contexto de uma abordagem realizada com a educação escolar, definimos diferenciação como uma resposta proactiva do professor face às necessidades de cada aluno. Um professor que diferencia compreende a necessidade de os alunos expressarem humor, trabalharem com um grupo, beneficiarem de ensino supletivo num domínio particular, aprofundarem mais um dado tópico ou ainda terem apoio na abordagem e leitura do excerto de um texto – sendo que o professor responde activa e positivamente a essa necessidade. A diferenciação pedagógica resume-se simplesmente à prestação de atenção às necessidades de aprendizagem de um aluno em particular, ou de um pequeno grupo de estudantes, em vez do modelo mais típico de ensinar uma turma como se todos os indivíduos nela integrados tivessem características semelhantes. (p.14)



Tomlinson e Allan (2002) sugerem alguns princípios-chave orientadores do processo de Diferenciação Pedagógica. Compreendê-los poderá, de algum modo, facilitar o trabalho do professor assim como o sucesso dos alunos numa sala de aula, pois estes princípios originam uma diferenciação pedagógica efectiva:

- Uma sala de aula onde se diferenciam as situações de ensino e aprendizagem caracterizando-se pela flexibilização do processo de intervenção pedagógica que aí ocorre.
- A diferenciação do processo de intervenção pedagógica decorre da avaliação eficaz e contínua das necessidades dos alunos.
- Uma organização flexível dos tipos de agrupamentos dos alunos necessários para realizar as suas actividades académicas permite que estes acedam a uma ampla variedade de oportunidades de aprendizagem e propostas de trabalho.
- Todos os alunos trabalham consistentemente com propostas de trabalho e actividades adequadas e desafiantes.
- Os alunos e os professores são colaboradores no âmbito do processo de aprendizagem.

Tendo em conta estes princípios, os autores apresentam o seguinte quadro.



*Figura 1. Mapa conceitual sobre a diferenciação das práticas educativas (Tomlinson e Allan, 2002, p.15)*

O professor tem de ter em conta que os alunos partilham sentimentos e necessidades comuns, mas que, simultaneamente, diferem expressivamente como alunos, e que estas mesmas diferenças têm um peso relevante na turma pois a inteligência é dinâmica e não estática, é plural e não singular. Os alunos devem estar no centro do processo de aprendizagem, envolvidos em dar sentido ao mundo em seu redor; os alunos precisam de um trabalho escolar que os respeite, os afete e os atraia para que, desenvolvendo as suas capacidades individuais, se tornem membros realizados e produtivos da sociedade.

O principal objectivo do ensino diferenciado passa, assim, por maximizar as competências dos alunos - sempre que se considerar que um determinado aluno consegue aprender algo mais, que consegue estabelecer mais ligações do que aquelas sugeridas pelas planificações, estamos perante o momento ideal para proporcionar oportunidades de ensino de um nível mais avançado (Tomlinson & Allan, 2002).

Morgado (2004, p.53) sugere a seguinte definição de Diferenciação Pedagógica a partir da definição de Visser (1993, citado por Niza, 1996), “Diferenciação é o processo pelo qual os professores procuram o progresso através do currículo, utilizando métodos apropriados para regular e promover as aprendizagens de cada criança numa situação de grupo”.

A Diferenciação que se procura na inclusão é a que tem lugar num meio em que não se separam os alunos com base em determinadas categorias, mas em que se educam os alunos em conjunto, pretendendo usufruir do potencial educativo das suas diferenças, uma diferenciação no grupo / turma assumida como um grupo heterogéneo. Esta linha de pensamento pressupõe que a *praxis* do professor tenha em conta os diferentes pontos de partida dos alunos, que têm percursos de aprendizagem distintos. Assim, podem atingir limiares de objectivos e competências diferentes. (Rodrigues, 2003).

Neste sentido a Diferenciação é pensada como uma resposta à diferença de cada um; não personalizando o processo, a unidade de grupo fomenta a aprendizagem individual, e é nesta conjuntura complexa que cada professor procura desenvolver um trabalho que promova a formação global dos alunos potenciando condições favoráveis à definição de percursos bem-sucedidos para todos. Assim, a escola terá cada vez mais de responder não só a alunos que procuram um conjunto de «saberes», mas fundamentalmente, terá de responder ao enorme desafio de formar pessoas. Deste modo importa referir que a escola deverá beneficiar a todos, tendo como preocupação a qualidade nos processos educativos.

Perspectivando o tema da qualidade, é relevante referenciar um conjunto de critérios referidos por Marchesi & Martín (1998, citados por Morgado, 2014) - de acordo com estes autores, uma escola de qualidade potencia o desenvolvimento das capacidades cognitivas, sociais, afectivas, estéticas e morais de todos os alunos, estimula a participação e satisfação de toda a comunidade educativa, promove o desenvolvimento profissional dos professores e procura influenciar, através da sua oferta educativa, o meio envolvente. Um professor que se sinta realizado, satisfeito, valorizado e apoiado mais naturalmente se envolverá no desenvolvimento de um trabalho que apoia, estimulando e valorizando o percurso educativo dos seus alunos. Uma escola que considera as características dos alunos e o seu meio sócio-cultural, deverá valorizar e incluir a cultura dos alunos diligenciando também por esta direcção no sentido de uma mais consistente e próxima relação entre a escola e o meio.

Vygotsky (1990) sugere que cada criança, em qualquer domínio, tem um nível evolutivo real, podendo o mesmo ser avaliado com referência à zona de desenvolvimento proximal, que definiu como a distância entre o nível evolutivo real determinado pela resolução independentemente do problema e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de um problema sob a orientação do adulto, ou em colaboração com colegas mais capazes. A colaboração com outra pessoa, seja ela um adulto ou um par mais competente, na

zona de desenvolvimento proximal conduz ao desenvolvimento de formas culturalmente apropriadas de aprendizagem e desenvolvimento.

## **2. A Relação Pedagógica – Inclusão**

A relação pedagógica surge através da capacidade de gerir de forma diferenciada as relações que se vão fundando, constituindo deste modo um privilegiado instrumento no sentido de promover percursos educativos de sucesso para todos os alunos. Poderão existir várias dimensões na relação pedagógica, de que pode depender o maior ou menor sucesso de quem «aprende» e de quem «ensina». Estas mesmas dimensões poderão constituir uma potencial fonte de perturbação do sucesso dessa relação e constituem-se pelos seguintes elementos: o aluno, o professor, o grupo turma, as metodologias, o currículo e a gestão curricular, as actividades de aprendizagem, a escola, o meio familiar (Morgado, 1997).

Apesar do espectro de ideias apresentadas sobre o conceito de inclusão, alguns dos aspectos essenciais que a definem gozam geralmente de concordância: a própria cultura da escola, as crenças prevalecentes e as atitudes adoptadas pelos educadores, neste sentido o direito à diferença cria implicações com o sistema de ensino actual, tal como nos sugere Mantoan (2006), é produto de:

(...) uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que a identidade do aluno seja redignificada. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais. O direito à diferença nas escolas desconstrói, portanto, o sistema actual de significação escolar excludente, normativo, elitista, com suas medidas e mecanismos de produção de identidade e da diferença. (p.192)

A educação especial tem por objectivo a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada

preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego de crianças e jovens com necessidades educativas especiais.

A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) inspira-se no Princípio da Inclusão, de forma a alcançar uma “Escola para Todos”- instituições que incluam todas as pessoas, aceitem as diferenças, apoiem a aprendizagem e respondam às necessidades individuais.

A escola inclusiva é o lugar onde todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter, conhecendo e respondendo às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todo. (p.11)

A Inclusão caracteriza-se, então, pelo empenhamento da escola em receber todas as crianças, reestruturando-se de forma a poder dar resposta adequada à diversidade de alunos. A par do conceito de Inclusão surge o de “Escola para todos”, que contém elementos essenciais, a nível nacional e internacional, cuja evolução de conceitos e práticas apresentamos no quadro I (Anexo I).

O Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de Janeiro, tem como premissa a qualidade de ensino orientada para o sucesso de todos os alunos. Um dos aspectos determinantes dessa qualidade é o desenvolvimento de uma Escola Inclusiva, consagrando princípios, valores e instrumentos fundamentais para a igualdade de oportunidades.

Um sistema de educação inclusiva deve estruturar-se e desenvolver-se atendendo à diversidade de características das crianças e jovens, às diferentes necessidades ou problemas e, portanto, à diferenciação de medidas para ir ao encontro de cada um.

A educação inclusiva afirma que todas as crianças, independentemente dos problemas ou deficiências que possam ter, têm o direito de frequentar as escolas da sua área (as mesmas para onde iriam caso não tivessem qualquer problema ou deficiência), o direito de viverem na sua família, de participarem com o meio envolvente. Esta afirmação decorre directamente do

1º princípio da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “ Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade”.

Uma nova perspectiva sobre a forma de encarar as necessidades educativas especiais (NEE) constitui o factor mais relevante nesta evolução de conceitos e de práticas que conduzem ao princípio da escola inclusiva. No quadro II em anexo encontra-se sistematizado a “perspectiva centrada no aluno” e a “perspectiva centrada no currículo” (Lacerda, M, 2013).

A participação activa e significativa de alunos com NEE em turmas de ensino regular constitui um dos aspectos essenciais de inclusão (Stainback & Stainback, 1992). Este conceito vai além da mera colocação de alunos com NEE em turmas de ensino regular tendo em conta a qualidade e a quantidade de interacções entre professores e alunos nesses contextos. Uma participação activa implica que os alunos se envolvam significativamente no funcionamento diário da sala de aulas.

Relacionado com a noção de participação activa e significativa está a noção de que todos os alunos devem partilhar um sentimento de pertença em turmas inclusivas (Stainback & Stainback, 1992; York et al.; 1992). O ambiente de sala de aula facilita a ideia de que essas diferenças são naturais e que o desejável é que cada criança seja ela própria. Estas mesmas diferenças são encaradas como vantagens e não como riscos. A diversidade é apresentada como algo a valorizar e não como algo a eliminar. Todos os alunos têm uma contribuição importante a dar: conhecimentos, percepções e perspectivas únicas (Hinders, 1995).

A responsabilidade entre docentes e demais funcionários da escola sobre alunos com e sem NEE é apontado como um aspecto chave na implementação de uma escola inclusiva (King-Sears, 1996). Significa que, embora o grupo de professores possa variar em termos de especialização, cabe a todo o corpo docente sustentar o desenvolvimento de todo e qualquer aluno no ambiente inclusivo. Os docentes deverão trabalhar em conjunto a fim de se

certificarem que as necessidades de todos os alunos são atendidas e que todos os alunos são incentivados e encorajados a maximizar o seu potencial. Para que a educação inclusiva possa funcionar, deve atender-se ao ambiente físico da sala de aula, às estratégias utilizadas, às técnicas de gestão de turmas utilizadas à colaboração entre os docentes, ao afecto, ao amor que se emprega nas tarefas diárias, na relação aluno/professor, seja ele de NEE ou não.

Responder de modo adequado às necessidades dos diversos alunos é um dos principais desafios da educação inclusiva. Para que os alunos com NEE participem de forma significativa nas aulas de educação inclusiva e experimentem um sentimento de pertença, deve ser dada particular atenção tanto à diversidade do que é ensinado, como ao modo como é ensinado.

O professor / educador deve ser um bom promotor de aprendizagens, concentrar-se nas “ideias principais”, utilizar várias abordagens educativas e actividades de aprendizagem, ter em conta o ambiente de sala de aula. Sendo este um dos aspectos mais importantes para o sucesso de turmas inclusivas, o professor deve promover um bom ambiente social e emocional, no qual todos se sintam seguros, valorizados e aceites. Deverá ter-se em conta os métodos de promoção de respeito pelas diferenças, criando-se espaços físicos adequados e promovendo-se comportamentos ajustados.

Perrenoud (2000, p.15) considera que existem dez competências associadas à prática do professor, sendo que estas se referem à "capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação”:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
2. Administrar a progressão das aprendizagens;
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
4. Envolver os alunos nas suas aprendizagens, assim como nos seus trabalhos;
5. Trabalhar em equipa;



6. Participar da administração da escola;
7. Informar e envolver os pais;
8. Utilizar novas tecnologias;
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
10. Administrar a sua própria formação contínua.

O ideal de escola seria: Escola para todos e para cada um, do Visível ao Invisível, em que o percurso do educador deve ser feito com a criança, com as suas limitações e forças, utilizando a Pedagogia do Amor e não a da forma. As expectativas que nós colocamos nas crianças influenciam directamente os resultados de sucesso que, juntos, obtemos.

A inclusão escolar tem como objectivo a socialização e não só a instrução; a escola tem de se adaptar à criança, não a criança à escola, sendo incluídas todas as crianças não somente as de NEE.

A escola tem o papel determinante de promover e potenciar um crescimento feliz às crianças.

### **3. Diversificar o currículo para promover a equidade**

Em Portugal, o sistema educativo tem vivido, particularmente a partir da década de 70, constantes e permanentes readaptações, estruturações e alterações. É no âmbito desta dinâmica renovadora que se presencia o surgimento de uma nova exposição curricular. A integração e a flexibilização curriculares têm-se revelado como importantes desafios propostos pela administração central às escolas, tendo como objectivo a melhoria da qualidade de ensino e rentabilização das práticas escolares diárias (Morgado & Paraskeva, 2000).

O sistema educativo português está organizado de acordo com um conjunto de princípios organizadores estabelecidos pela Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada pelo Decreto – Lei nº 46/86, de 14 de outubro, decisivos na consecução das políticas educativas, cuja coordenação é da responsabilidade do Ministério da Educação. Deve o sistema educativo garantir o direito à diferença, descentralizar, desconcentrar e diversificar as estruturas e acções educativas, favorecendo a igualdade no acesso ao benefício da educação, da cultura e da ciência, devendo coordenar o projecto educacional do país criando, pelos princípios normativos, condições para o emergir gradual de novas retóricas (Morgado & Paraskeva, 2000). O currículo é uma forma de trabalho e cooperação, resultando de um complicado conjunto de condutas configuradas por políticas educativas, e resultantes políticas curriculares.

O currículo deve ser inclusivo, de modo a que todas as crianças sejam incluídas no mesmo, devendo o professor ser autónomo na sua gestão.

A escola tem de se conseguir organizar gerindo democraticamente uma educação partilhada, apoiada em valores como a solidariedade, a tolerância, assim como a responsabilidade pessoal e colectiva (Morgado & Paraskeva, 2000). Ambiciona-se uma escola que consiga ser integradora porque respeita a diversidade como uma valor íntimo da própria educação, mas ao mesmo tempo, procura compensar as diferenças económicas, culturais e sociais dos alunos; autónoma porque planifica e gere o seu próprio currículo sem negligenciar os princípios constitucionais democraticamente aceites, mas adaptados ao contexto em que estão inseridos assim como às características dos alunos, constituindo-se com um espaço aberto, solidário e pluralista, participado e determinado pelos mais variados agentes educativos, valorizando os processos em detrimento dos resultados, conseguindo formar cidadãos críticos, preparados intelectualmente na base de uma reconstrução permanente do próprio conhecimento (Morgado, 2004).

Para Roldão (1999, citada por Morgado, 2004) parece mais ajustado entender o currículo como um projecto aberto de formação a operacionalizar num determinado contexto e considerando dois níveis interdependentes de organização. No primeiro nível está contemplado o conjunto das aprendizagens estabelecidas como essenciais para todos os alunos, e no segundo nível, assente na progressiva autonomia das escolas, consideram-se as formas e os contextos de concretização dessas aprendizagens. Este ponto de vista concede ao professor, através do exercício da sua autonomia, um papel e um comprometimento central no sentido de ampliar ao limite os níveis de acomodação dos objectivos por parte dos alunos, tendo em conta as suas diferenças individuais assim como as diferentes especificidades contextuais.

A escola confronta-se com a necessidade de se reorganizar para vencer o desafio de acolher todas as crianças e jovens, desenvolver o currículo nacional e assegurar a Diferenciação Pedagógica. Este desafio implica o desenvolvimento de um currículo de base oferecido a todos os alunos, um plano curricular de organização de actividades de diversificação curricular que facilitem a Diferenciação Pedagógica e propiciem experiências de aprendizagem diversificadas. A Diferenciação Pedagógica passa pela promoção de uma pedagogia diferenciada em sala de aula, por adaptações programáticas. O desenvolvimento de maior articulação entre a organização pedagógica da escola e a gestão do currículo (quer do currículo de base, quer sobretudo das actividades de diversificação curricular) tende a promover uma maior adaptação da organização da escola à evolução de uma população escolar e, nesse sentido, prestar um serviço público de qualidade (Formosinho & Machado, 2012, p.41).

## **4. Metodologia**

Este trabalho teve como ponto de partida a temática “Diferenciação Pedagógica” a partir da qual surgiram quatro questões que me levaram a realizar uma pesquisa qualitativa, descritiva e compreensiva, realizando posteriormente uma análise e interpretação da realidade observada, de forma a responder as questões colocadas.

### **4.1. Pesquisa Qualitativa**

Para Bogdan e Biklen (1991) Investigação Qualitativa define-se como “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.” (p. 16).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a investigação qualitativa tem cinco características fundamentais:

- a) O ambiente natural é onde se recolhe os dados, o investigador é o principal agente dessa recolha de dados, os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo, porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual.
- b) Os dados recolhidos pelo investigador são na sua maioria de carácter descritivo, sendo representados sob forma de palavras e imagens, dos resultados escritos da investigação constam, citações, transcrições de entrevistas e notas de campo, entre outros. Este género de abordagem requer que o mundo seja analisado com a ideia que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que irá permitir uma compreensão mais elucidativa do nosso objecto de estudo.
- c) O investigador que utiliza a metodologia qualitativa interessa-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados, dando maior ênfase ao processo da

investigação. As estratégias qualitativas clarificaram o modo como as expectativas se traduziram em actividades, procedimentos e interacções diárias.

- d) A análise de dados é feita de forma indutiva, sendo que o investigador não recolhe dados com o objetivo de confirmar hipóteses previamente construídas, ou seja, o investigador qualitativo não presume que sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efectuar a investigação.
- e) Na investigação qualitativa o investigador interessa-se, principalmente, por compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências, ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações. O método de orientação de investigação qualitativa reflecte uma espécie de diálogo entre os respectivos investigadores e os sujeitos, dado estes não serem abordados de uma forma neutra. (p. 47).

## **4.2. Técnicas de Recolha de dados**

Para poder realizar esta investigação utilizei duas técnicas de recolha de dados - a observação, que inclui as notas de campo, e a entrevista semi - estruturada realizada à professora cooperante e professora da educação especial.

### **4.2.1 Observação participante**

Nos primeiros dias de observação participante, regra geral, o investigador fica um pouco de fora, esperando que os sujeitos o observem e aceitem a sua presença. À medida que as relações se vão estabelecendo vai, progressivamente, participando mais activamente na vida do grupo. Nas fases posteriores da investigação, poderá ser importante ficar novamente mais ‘de fora’ em termos de participação. Neste sentido, é necessário determinar a quantidade

correcta de participação assim como o modo como se participa, tendo em mente o estudo que se propôs a elaborar (Bogdan & Biklen, 1994).

A forma como se participa difere sempre de quem se é, da personalidade, dos valores do observador. Conforme se vai pesquisando, vai-se ajustando a participação de várias formas. Estas situações são estabelecidas com o intuito de promover os objectivos da investigação (Bogdan & Biklen, 1994).

#### **4.2.2 Notas de Campo**

Segundo Bogdan e Biklen (1994), notas de campo são o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha. Estas devem ser detalhadas, precisas e extensivas. Nos estudos de observação participante todos os dados são potencialmente considerados notas de campo (Bogdan & Biklen, 1994).

O pesquisador recolhe as suas notas de campo baseando-se na actividade, acção e atitudes dos observados, para desta forma poder levar a cabo o estudo a que se propôs. Tal como em qualquer outra técnica, existem vantagens e desvantagens na sua utilização. Relativamente às vantagens da observação, destaca-se o facto de o pesquisador vivenciar na primeira pessoa experiências dos seus observados, poder registar quase automaticamente aquilo que vê e ouve, detectar aspectos não usuais durante a sua observação e, por fim, a observação poder ser útil para explorar assuntos que são desconfortáveis para os participantes. As desvantagens prendem-se com o facto de o observador poder ser visto pelos participantes como um intruso, não ter em conta a privacidade dos observados e relatar algo que não deve, não apresentar aptidões necessárias para a utilização desta técnica, e em último lugar não entrar em harmonia com os observados. (Creswell, 2007).

#### **4.2.3 Entrevista semi-estruturada,**

Na investigação naturalista a realização de entrevistas constitui uma das técnicas de recolha de dados mais frequentes, consistindo a mesma numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente. Podem ser entrevistas estruturadas, não estruturadas e semi-estruturadas (Afonso, 2005). As entrevistas semi - estruturadas cumprem um formato entre os dois tipos anteriores - o modelo global é o da entrevista não estruturada, embora os temas tendam a ser a ser mais específicos. Em geral, são conduzidos a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista semi- estruturada. O mesmo deve ser construído a partir das perguntas de pesquisa assim como dos eixos de análise do projecto de investigação (Afonso,2005) (Anexo XIII).

## **CAPÍTULO II**

### **Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente**

#### **1. Caracterização da Instituição**

A Escola onde realizei o estágio no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico pertence à freguesia de Algueirão Mem-Martins, concelho de Sintra.

É uma Instituição do Estado com as valências de 1º Ciclo do Ensino Básico (5 turmas, referentes a 1º, 2º, 3º e 4º ano) e o Jardim de Infância com duas salas, frequentadas por 45 alunos em educação pré-escolar e 124 alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico.

A maior parte das famílias pertence a um grupo socioeconómico carenciado estando as suas actividades profissionais predominantemente ligadas, quer à construção civil, quer às indústrias, quer ao serviço doméstico. Devido à fraca formação profissional tanto as regalias sociais como as renumerações são baixas.

Esta instituição está localizada num bairro onde se realizou o realojamento de dezenas de famílias no âmbito do Programa Especial de Realojamento (P.E.R). No ano lectivo em curso, continuam a verificar-se realojamentos, mas de uma forma mais pontual.

Grande parte destas famílias pertence a grupos étnico-culturais diversificados. Algumas são provenientes de várias regiões do país mas especialmente da zona rural de Sintra. Outras são provenientes dos Países Africanos de Língua Portuguesa, nomeadamente de Cabo Verde, Angola e Guiné. Há também duas famílias de etnia cigana.

São, de uma forma geral, famílias muito numerosas e pouco estruturadas, cujas dinâmicas promovem a agressividade, o roubo e a marginalidade. Há a registar casos de abandono,



alcooolismo e toxicodependência entre os pais. É frequente a falta de cuidados de higiene e saúde.

Os alunos desta escola pertencem, assim, a grupos étnico-culturais diversificados. Alguns utilizam a sua língua materna na relação familiar, no entanto não têm qualquer dificuldade na comunicação em português, que é compreendido e falado fluentemente. É em português que comunicam, mesmo nos seus jogos e brincadeiras.

A integração destas crianças tem vindo a ser feita gradualmente, com algum sucesso. Têm sido proveitosas as estratégias utilizadas, nomeadamente um currículo aberto, flexível e adaptado às suas características. São também importantes os convívios lúdico-desportivos, as danças, a exploração de contos tradicionais, valorizando todas as culturas em presença. Tratando-se no fundo de promover uma Aprendizagem Intercultural.

Nas imediações da escola não existe comércio, somente prédios de habitação alguns com aspecto bastante degradado, tratando-se de um bairro social com carências económicas graves.

Devido à área em que se situa, bem como ao predomínio de situações problemáticas relacionadas com o insucesso e absentismo escolar dos alunos, este é um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) - medida política educativa do despacho 147-B/ME/96, que prevê uma intervenção num espaço geográfico, com o intuito de combater problemas de exclusão social e educativo.

Neste estabelecimento de ensino, as atividades letivas têm início às 09h00 terminando às 17h30. A maior parte dos pais dos alunos desta escola, sai de manhã para o trabalho e só regressa à noite. Antes ou após o período letivo, algumas crianças frequentam a Ludoteca do Observatório Social de apoio às famílias, outras ATL'S de Instituições Particulares. No

entanto, neste ano letivo muitas frequentam os prolongamentos disponíveis aos quatro anos: Inglês, Expressões artísticas e Educação Física.

A instituição é composta por:

- Um edifício térreo (inaugurado em 2001/2002),
- 5 salas de aulas de 1ºciclo,
- 2 salas de Jardim de Infância,
- 3 salas que interligam pares de salas de aula,
- 2 salas destinadas ao apoio educativo especializado,
- 1 sala de professores,
- 1 secretaria,
- 1 pequena sala de reuniões,
- 1 refeitório explorado sob a responsabilidade da Câmara Municipal de Sintra,
- 6 W.C. para alunos,
- 3 W.C. para adultos,
- 3 pequenas arrecadações,
- 1 pátio de recreio, pavimentado, vedado, com portão prioritário e outro de acesso aos alunos, pessoal docente e não docente.
- Biblioteca Escolar.

O Projecto Educativo de Agrupamento constitui o instrumento de planificação estratégica global do Agrupamento de Escolas, elucidando o modo como este define o sentido da sua acção educativa para o cumprimento da missão estabelecida, alicerçada em princípios e valores universais e regida por uma estrutura organizacional definida pelo seu Regulamento Interno. Este assenta no património cultural já construído e numa memória colectiva partilhada. O Projecto Educativo do Agrupamento aponta-nos o futuro que pretendemos alcançar, exigindo-nos um abraçar da inovação para a produção da mudança necessária. Desta forma, estabelece princípios, define estratégias e finalidades, objectiva os resultados almejados, numa valorização da capacidade de intervenção do Agrupamento e de todos os seus actores em áreas como a organização e articulação curricular e pedagógica, o estabelecimento de parcerias ou o estreitamento da relação com a comunidade.

Este agrupamento tem como objectivo a escolarização de todos os alunos, promovendo a sua formação integral, contribuindo para que sejam cidadãos ativos e conscientes dos seus direitos e deveres, privilegiando a inclusão. Apostando num conjunto de valores, os mesmos incorrem na educação pelos valores e para os valores, incidindo na ética; responsabilidade social; compromisso comunitário; qualidade; cooperação, inovação.

### **CAPÍTULO III**

#### **A prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição**

Neste capítulo passo a relatar, contextualizar e analisar as actividades realizadas a partir do meu objecto de estudo: “Diferenciação Pedagógica: Ver para além do visível”.

No dia 24 de Novembro de 2014, iniciei a Prática de Ensino Supervisionada. A escola onde realizei estágio faz parte do Agrupamento de Escolas onde exerço funções como assistente operacional desde 2010. Nestes anos de curso foi a primeira vez que fiz estágio fora da instituição onde trabalho e o meu sentir era de ansiedade e curiosidade.

Tinha definido que o meu tema de relatório final seria “O Sentido de Humor no primeiro ciclo”. Nas duas primeiras semanas de observação percebi que esse era o meu querer, mas não era o que o grupo/ turma me estava a dizer, e que não podia ignorar os sinais que me estavam a ser dados. Observei que existia uma aluna ávida de saber, mas com dificuldades graves nas aprendizagens formais. Sabia que a inclusão dependia da atitude do professor face aos alunos com necessidades educativas especiais, das suas percepções sobre as diferenças na sala de aula assim como da vontade de lidar eficazmente com essas diferenças. No entanto, só as atitudes positivas não iriam ser suficientes para esta uma gestão efectiva das diferenças na sala de aula - teria de adaptar métodos, seleccionar materiais adequados necessitando de aprofundar competências e conhecimentos neste domínio. A minha sensibilidade, assim como os meus conhecimentos adquiridos na Licenciatura, diziam-me que eu tinha de agir: a diferença existe, e o modo como a gerimos é fundamental para a efectiva inclusão de todas as crianças.

Após estas observações, reflexões surgiu o meu tema: “Diferenciação Pedagógica – Ver para além do Visível”; era urgente que eu enquanto professora / estagiária me conseguisse

desprender de todos os preconceitos, me entregasse a esta turma, a esta aluna, com motivação e intencionalidade pedagógica que me permitissem ajudar a potenciar o seu desenvolvimento e aprendizagem.

### **Aspectos gerais da PES – a turma, sala de aula e o ambiente educativo**

A turma de estágio era constituída por dezassete alunos do 3º ano de escolaridade e dois do 2º ano de escolaridade, doze do género feminino e sete do género masculino. Dois alunos estão abrangidos pelo decreto – lei nº 3/2008 de 18 de Janeiro, relativo ao apoio a crianças com Necessidades Educativas Especiais, e três alunas têm um Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual, devido ao facto de não acompanharem o ritmo de aprendizagem da turma. Todas as crianças são de nacionalidade portuguesa. A maioria das crianças está desperta para aceitar as propostas de actividades que lhes são sugeridas. É um grupo, de um modo geral, autónomo na realização das tarefas (Anexo IX – ver nota de campo).

O modelo de trabalho é diferenciado e diferenciador, tendo em conta cada aluno e o grande grupo, indo ao encontro de muitos princípios fundamentais e atividades promovidas pelo Movimento da Escola Moderna (MEM).

Em relação aos pressupostos pedagógicos, o MEM contempla uma pedagogia de cooperação educativa, em que os alunos e professores negociam atividades e projetos a desenvolver em torno dos conteúdos programáticos. Tal acontece, tendo como base os interesses e saberes dos estudantes e o contexto cultural das comunidades. Esta pedagogia privilegia também as abordagens globais e as estratégias de descoberta e de criatividade (Formosinho, Lino e Niza, 2007)

Tem como finalidades educativas:

- Desenvolver nas crianças o espírito de ajuda e cooperação.

- Desenvolver a autonomia e responsabilização, baseada num vínculo de confiança e respeito entre crianças e o docente.
- Estabelecer uma ligação com o meio envolvente (famílias e comunidade)
- Permitir o desafio constante no aprofundamento das aprendizagens.
- Desenvolver a capacidade de liberdade de escolha.
- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências da vida democrática e numa perspectiva de educação para a cidadania.

A relação pedagógica sustentada pelos professores do MEM tem como base a afetividade. Procuram desenvolver nas crianças o espírito de inter - ajuda e cooperação, assim como a autonomia e responsabilização, baseados num vínculo de confiança e respeito entre eles e o docente.

A relação adulto/ adulto parte de uma dinâmica de “encontros formais”, onde se discutem em grupo as necessidades e insatisfações dos docentes, procurando-se a “construção e reconstrução de estratégias” de forma a melhorar o processo de ensino /aprendizagem.

Todas as práticas correntes da instituição procuram ser baseadas no respeito, na valorização das crianças individualmente e em grupo.

Entendi que a turma onde estava a realizar estágio era rica em diversidade, tanto académica como humana, colocando um problema: De que modo conseguiria atender às necessidades da turma, não descurando cada aluno individualmente? Para responder a este desafio, tentei criar um clima positivo e consistente, fazer sempre um planeamento prudente em termos curriculares e de definição de actividades; estabeleci um clima de alegria; defini os objectivos educativos partilhando os mesmos com os alunos, estimei a autonomia da

aprendizagem por motivação intrínseca; expressei sempre que as minhas expectativas eram elevadas para todas as crianças, face à sua aprendizagem e ao comportamento.

### **1.1. Actividade proposta e observação directa com recurso a notas de campo**

#### **(Anexo X)**

- **1ª actividade proposta – “A Ovelhinha que veio para jantar”**

Esta actividade foi pensada para uma turma de 3º ano com dezanove alunos, dois deles inscritos no 2º ano de escolaridade. A tarefa era a leitura de uma história “A Ovelhinha que veio para Jantar” (anexo VII), seguida de uma ficha de interpretação.

A razão pela qual escolhi esta tarefa prendeu-se com o facto de ter observado que o grupo / turma gostar muito de histórias de literatura infantil, podendo incluir todos os elementos do grupo / turma na realização da mesma tarefa, utilizando várias estratégias de modo a fomentar a diferenciação. Nestas estratégias destacam-se as orientações dadas de forma clara e directa, sendo deste modo facilmente compreensíveis para todos os alunos; a variação do tempo atribuído para o desenvolvimento da mesma e a variação da dificuldade nos pedidos de trabalho realizados.

Esta actividade proposta tinha como objectivos ler e ouvir obras de literatura para a infância e textos de produção popular bem como manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas.

Relativamente ao procedimento, comecei por criar expectativa (com entoação e teatralidade) em relação ao conteúdo do que estava na minha caixa pedagógica “Aprender Brincando”. Mostrei uma imagem real de um lobo e de uma ovelha, que tirei da caixa pedagógica, questionando os alunos acerca do seu conhecimento sobre outras histórias de literatura infantil com estas personagens. Após esta abordagem, mostrei-lhes o livro dando

início à leitura do mesmo. De seguida deram início à ficha de interpretação, que diferencie de acordo com as especificidades das crianças da turma (Anexo VIII).

A maneira como interagimos com os alunos, o ambiente que criamos, os métodos que utilizamos para os ensinar afectam expressivamente a motivação e o sucesso dos alunos em contexto de sala de aula. O professor não só ensina inúmeros comportamentos e aptidões académicas como também exerce influência na forma como os alunos aceitam e apreciam as diferenças existentes em todos nós. Para que isto aconteça é importante a relação que o professor estabelece com os alunos, estimulando neles o desejo de aprender e de participar, fazendo sempre o melhor para os ajudar a desenvolver a confiança em si e nos outros (Heimburge & Rief, 2000).

Parece-me importante que os alunos entendam que todos aprendemos de maneira diferente, e que não existem maneiras de aprender correctas ou incorrectas, para que todos possam ser bem sucedidos neste contexto escolar.

Tomlinson & Allan (2000, citados por Morgado, 2004) sugerem que a diferenciação mais do que uma estratégia de ensino deverá ser compreendida como uma concepção de ensino e aprendizagem, como uma direcção estruturada apoiada num conjunto de princípios dos quais relevam:

- Alunos do mesmo grupo etário são diferentes nas suas competências, motivações, estilos de aprendizagem, experiências e contextos de origem;
- As diferenças entre os alunos são suficientemente consistentes para se repercutirem no que os alunos necessitam de aprender, no ritmo a que aprendem e no apoio que necessitam do professor e/ ou de outros elementos;
- Os alunos aprendem melhor quando são apoiados;



- Os alunos aprendem melhor quando percebem uma relação entre os conteúdos curriculares e as suas motivações e experiências de vida;
- Os alunos aprendem melhor quando as tarefas de aprendizagem têm características de funcionalidade;
- Os alunos obtêm melhores resultados quando na sala de aula e na escola se estrutura uma comunidade da qual sentem fazer parte e pela qual se sentem respeitados;
- O trabalho central da escola (professor) é maximizar as competências de cada aluno.

Neste sentido, eu assumi a minha convicção de que todos os alunos podem progredir, procedendo a uma gestão curricular que os envolva a todos. De acordo com esta abordagem Morgado (2004) afirma que diferenciar se traduz no estabelecimento bem-sucedido de pontes entre o currículo e as necessidades e as características individuais dos alunos, de todos os alunos. Durante a minha actividade tive presente a importância da adequação do currículo aos interesses dos alunos e às suas motivações. Tendo consciência que as diferenças entre os alunos eram grandes, queria que todos se sentissem incluídos, respeitados, sendo parte integrante do grupo/turma, tal como nos sugerem Tomlinson & Allan (2000). O trabalho de aula do professor deve partir da compreensão de como aprendem os alunos e de qual a melhor forma de os ensinar

## **1.2. *Praxis* da professora estagiária com a aluna com NEE.**

Na turma, como já referi, existe uma aluna abrangida pelo Decreto-Lei 3/2008, com apoio do ensino especial. Manifesta ser uma criança interessada e empenhada, demonstrando empenho na realização das tarefas mesmo com muitas dificuldades na aquisição de conteúdos. Revela grande dificuldade na construção de frases. Não nomeava a totalidade das

letras do alfabeto, não possuindo consciência fonológica, necessitando de ajuda para a interpretação das diversas tarefas. Visto que até ao término do estágio, a criança em questão não sabia ler nem escrever, foram utilizadas diversas estratégias de modo a colmatar as dificuldades severas desta criança, inclusive através das Expressões (Anexo XI – nota de campo 1).

O método utilizado para a aquisição da leitura e da escrita com esta criança é o Método das Vinte e oito palavras. O mesmo consiste em desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita a partir de situações concretas e reais para os alunos. As palavras estão sempre relacionadas com imagens (Anexo XII). Como estratégia passei a levar o meu computador para a sala de aula, com um power point onde estavam exercícios realizados com o fonema associado ao grafema - o interesse passou a ser muito maior, começando aos poucos a aluna a associar o som à letra.

Em determinada altura, propus que a criança em questão começasse a praticar as vogais com plasticina, não existindo “intermediário” entre ela e as vogais. Deste modo, procurei que a livre expressão que se faculta ao manusear um objecto como a plasticina permitisse que a criança, de forma autónoma e criativa, pudesse ultrapassar barreiras, inovar, explorar e aprender, englobando esta proposta a aquisição de noções ligadas à coordenação visual / motora, fundamentais para a aprendizagem da escrita.

Com estas abordagens, pretendi que a turma sentisse que cada um de nós é diferente dos outros, tem a sua única forma de aprender e as suas próprias necessidades. Sendo provável que as minhas abordagens fossem diferentes para cada um deles, procurei desenvolver diferentes centros de interesse - os mesmos podem ser diferenciados com base no nível exigido de complexidade e autonomia, assim como no interesse do aluno, tornando-se acessíveis e adequados a todos os alunos.

A afectividade foi um dos pilares da minha relação com esta criança em particular, tentando transmitir através das minhas acções a importância do “amor” na educação, que este mesmo amor move gestos e intenções. Só consegui algo com esta criança se primeiro ela me aceitar, tentando que a minha passagem pela vida dela seja de educar na liberdade e para a liberdade.

As crianças só aprendem quando o interesse é suscitado afectivamente, intelectualmente a situações propostas.

No último dia de aulas, e após várias visitas à escola tendo dado continuidade ao trabalho realizado em estágio, ofereci-lhe um manual do Método das Vinte e Oito palavras, para trabalho de férias com a promessa de regressar em Setembro. O sorriso e o abraço que recebi fizeram com que este meu percurso tivesse sentido.

### **1.3. Análise das entrevistas semi-estruturadas realizadas à professora cooperante e professora de educação especial. (Anexo IV, Anexo VI)**

A análise das entrevistas efectuadas permitiu-me concluir que tanto a professora cooperante como a professora de educação especial integram com intencionalidade alguns elementos de diferenciação pedagógica na sua prática diária, apesar de trabalharem de modos diferentes, com realidades muito distintas. A diferenciação faz-se mais ao nível das metodologias adaptadas, existindo momentos de ensino-aprendizagem de qualidade que procuram ir ao encontro das necessidades e especificidades de todos os alunos do grupo/turma. Como referem, quando interpeladas sobre o trabalho que desenvolvem a este nível:

Professora Educação Especial (PEE) – “ (...) normalmente o trabalho na parte da sala de estimulação é um trabalho muito focado na problemática da criança, se a criança tem problemática a nível da concentração/atenção, faz-se um trabalho a nível da atenção/concentração especificamente; se o trabalho é mais a nível da parte sensorial motora faz-se um trabalho mais nessa parte. Se o trabalho tem mais a ver com questões da leitura e

da escrita faz-se portanto, traça-se objectivos e faz-se um trabalho de acordo com isso. Como? Utilizando jogos e medidas pedagógicas (...) funcionais.”

Professora Titular (PT) - “Às vezes quero fazer mais do que aquilo que sou capaz, nem sempre é possível, porque o grupo turma absorve grande parte do meu tempo devido à complexidade das metas curriculares; aquilo que eu tento, porque os alunos têm diferentes ritmos de aprendizagem, é colocar os alunos mais autónomos, a trabalhar em silêncio de modo a ter disponibilidade para prestar um apoio individualizado aos alunos com necessidades educativas especiais.”

Uma das maiores dificuldades da professora cooperante prende-se, justamente, com a gestão do currículo. Para enfrentar esta dificuldade utiliza como estratégia a partilha e realização do projecto de ensino/aprendizagem de cada criança com os colegas docentes: colega docente do mesmo ciclo/ ano, professora de educação especial, professores a leccionar noutra ano de escolaridade. É implementada uma adaptação curricular junto dos alunos que têm o apoio da Educação Especial através do Plano Individual, ou através do Currículo Específico Individual, uma vez que apresentam diferentes níveis de desenvolvimento.

PT- “Para mim o grande desafio é a gestão curricular, eu considero que a gestão curricular é difícil e tento fazer esta partilha com os meus colegas de modo a aferirmos resultados, tenho de planificar para o terceiro ano, planificar para uma aluna do segundo ano que ficou retida o ano passado por não ter atingido as competências essenciais e tenho ainda de planificar para a aluna do segundo ano, com necessidades educativas especiais, que ficou retida o ano passado mas que se encontra a nível de um primeiro ano, ou seja, toda esta gestão curricular para mim acaba por ser um desafio muito grande.”

PT – “Esta partilha é feita em reuniões de ano, no final de cada período quando fazemos programação para o período seguinte e é também feita de acordo com o colega na escola, que também tem o mesmo ano de escolaridade.”

A planificação feita para o grupo é também diferenciada, para o terceiro ano, segundo ano e para uma aluna que se encontra inscrita num segundo ano mas cujo nível de desenvolvimento se situa num primeiro ano e que ainda não sabe ler nem escrever.

Em relação ao significado da temática Diferenciação Pedagógica ambas entendem que é um conjunto de medidas que se adoptam para que o processo de ensino-aprendizagem, adaptando o currículo comum às adequações curriculares individuais, permitindo deste modo que cada aluno atinja o seu máximo na realização dos objectivos propostos:

PEE – “Eu entendo que é um conjunto de medidas que se adoptam para que o processo de ensino – aprendizagem, em relação aos alunos, colmate as suas dificuldades e permitam que cada aluno atinja o seu máximo na realização dos objectivos propostos para ele.”

PT- “Na diferenciação pedagógica os alunos com necessidades educativas especiais têm adequações curriculares individuais de acordo com o currículo comum, e tem de ser de acordo com o currículo comum para não pôr em causa a aquisição das competências em final de ciclo;”

## CAPÍTULO IV

### Considerações Finais

Terminando o relatório, farei uma análise crítica da experiência vivida na PES, tendo como finalidade a ponderação do conhecimento adquirido neste processo, projectando novos caminhos de intervenção.

Num estudo qualitativo, a questão da objectividade/subjectividade está sempre presente sendo um ponto a realçar uma vez que a consciência que eu tinha enquanto investigadora desta temática poderá ter influenciado a minha observação, embora eu tenha tido a preocupação de fazer uma análise o mais objectiva possível da realidade (Sousa, 2005).

As diferenças na turma eram imensas - nas suas capacidades, interesses, vivências, condições de vida, cultura, estilos de aprendizagem; logo, percebi que as minhas respostas não poderiam ser as mesmas para todos os alunos. Para construir respostas diferenciadas, teria de ter uma ligação afectiva com as crianças, chegar até elas pela pedagogia do amor e da entrega.

Na realidade, todos os alunos precisam do professor, da sua energia, coração e mente; o que difere é o modo *como* precisam do mesmo, pelo que temos de conseguir compreender e responder a essas diferenças - conseguir ver para além do visível, adequando métodos, técnicas e materiais às necessidades e especificidades de cada um, procurando aceitar as suas diferenças, respeitando o seu ritmo de trabalho e aprendizagem. Em todo este processo foi crucial o trabalho de cooperação entre mim e a professora cooperante assim como com todos os diferentes intervenientes no processo educativo.

Procurei sempre partilhar com a professora cooperante a minha motivação para a prática profissional, tentando conhecer a instituição e os seus valores, observando e respeitando as

relações institucionais, colaborando de forma integrada e intencional no âmbito da instituição e da prática pedagógica, como factor facilitador, no sentido mais profundo de respeito ao outro. Ao mesmo tempo o desafio era grande e muito estimulante. Precisei de viver e ser. Foi bastante enriquecedor chegar e ser acolhida, receber gestos de simpatia, de carinho, de compreensão e aceitação. Quando somos bem acolhidos sentimo-nos confortáveis e esperançosos de estar num espaço que pode ser bom e em que será possível ser feliz.

No decorrer do estágio, fui conquistando o meu espaço, revelando o meu ser enquanto agente de desenvolvimento de aprendizagens formais e não formais, assim como desenvolvendo competências essenciais. A professora cooperante é um exemplo a seguir, demonstrando um respeito enorme pelo outro, seja ele criança ou adulto, sendo inicialmente uma “mestre” e eu sua aprendiz, mais tarde sermos parceiras no ambiente comunicacional do grupo de crianças.

Foi sempre minha intenção conhecer cada criança individualmente tendo como função ser promotora de interações, segurança emocional e desenvolvimento.

A partir do meu problema, delineei algumas questões às quais procurei responder ao longo do relatório, e que agora sintetizarei:

- (a) De que forma se evidencia a Diferenciação Pedagógica no grupo/turma
- (b) Quais as estratégias de Diferenciação Pedagógica utilizadas pelo professor(a) de 1º Ciclo (mais concretamente na minha turma de estágio)?
- (c) Qual a importância da Diferenciação Pedagógica para a promoção de uma educação inclusiva?
- (d) No caso das crianças com Necessidades Educativas Especiais incluídas na turma, com apoio do professor de educação especial, de que modo é feita a

articulação entre o professor (a) de 1º Ciclo e o professor (a) de educação especial?

Relativamente às duas primeiras questões (a e b), a diferenciação pedagógica no grupo / turma vai-se tornando evidente, nas diversas estratégias de Diferenciação Pedagógica implementadas em sala de aula, conforme descrito no capítulo III deste mesmo relatório.

As estratégias de Diferenciação Pedagógica implementadas na sala de aula foram diversas, tendo sido aplicadas a todos os alunos e não apenas aqueles com dificuldades de aprendizagem. Observei como a professora cooperante tentou sempre dar um apoio individualizado, promovendo o trabalho autónomo dos alunos. Como estratégia de Diferenciação Pedagógica a professora cooperante tem como referência o Modelo Curricular da Escola Moderna - as crianças encontram-se organizadas em grupos de quatro elementos facilitando um trabalho cooperativo entre todos. No entanto, na aquisição da leitura utiliza o método global juntamente com o analítico sintético. A aluna com necessidades educativas especiais está a trabalhar o método das vinte e oito palavras, consistindo o mesmo em desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita a partir de situações concretas e reais. As palavras estão sempre relacionadas com imagens.

Dentro da sala de aula há uma diversificação das tarefas e das responsabilidades, nomeadamente através do mapa de presenças e do calendário - estas actividades têm início à segunda-feira e terminam à sexta- feira, existindo um grupo organizador da semana. Além desta diversificação de tarefas, existe também a diversificação dos materiais de apoio, como é o caso da biblioteca de turma e dos ficheiros auto - corretivos. Existe ainda um diário de turma com quatro colunas - a coluna do “gostei”, a coluna do “não gostei”, a coluna do “fizemos”, a coluna das “sugestões” - no qual as crianças escrevem aquilo que entenderem e em que não há nenhum tipo de penalização em relação aos erros. No final da semana encerra-



se um ciclo de aprendizagens e em assembleia de turma é feita a orientação dos comportamentos relativos ao diário de turma.

No que diz respeito às duas últimas questões (c e d), a professora de educação especial vai fazendo um trabalho diferenciado na sala de estimulação, sendo este um trabalho muito focado na problemática da criança, ou seja, se a mesma tem uma problemática a nível da concentração/atenção, ou se é mais a parte sensorial motora afectada, faz um trabalho dirigido ao problema. Vai traçando objectivos a partir da problemática concreta de cada criança, recorrendo muitas das vezes a jogos e a medidas pedagógicas funcionais.

No entanto, tal como nos sugere Perrenoud (2010), será necessário pensarmos na diferenciação pedagógica numa perspectiva inclusiva para que, de facto, o seu impacto seja verdadeiramente potenciado – todas as crianças, independentemente das suas necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagem, devem sentir-se parte integrante e plena de um grupo/turma, onde têm voz e participação:

É evidente que sem diferenciação pedagógica não podemos falar de inclusão. No entanto, se a diferenciação não for inclusiva, isto é, se o trabalho que o aluno com necessidades educativas especiais ou mesmo com dificuldades de aprendizagem realiza é marginal relativamente ao que se passa com o resto da turma, esse aluno está inserido na sua turma mas não está incluído. Isto significa que estes alunos, ainda que tenham problemáticas muito complexas, devem, de acordo com as suas capacidades, participar nas atividades em que essa participação é possível. (...) A diferenciação não é um método pedagógico, é uma forma de organização de trabalho na aula, no estabelecimento e no meio envolvente. Não se limita a um procedimento particular, nem pode atuar apenas por grupos de nível ou de necessidade: Deve ter em conta, todos os métodos, todos os dispositivos, todas as disciplinas e todos os níveis de ensino. (p.18)

Considero que a formação contínua dos professores deve ser mais activa para que os mesmos se sintam apoiados na sua prática. A consciencialização de que a formação deve constituir um processo contínuo é fundamental. Para tal, é importante definir quais as áreas em que cada docente necessita de actualização, sensibilizando a restante equipa pedagógica para a ascensão de novos percursos formativos. Aprender ao longo da vida, e aprender com a

vida, faz com que necessitemos do *Outro*; neste sentido a cooperação é indispensável a esta construção de desenvolvimento / aprendizagem. Esta cooperação potencia a curiosidade, confiança, motivação, informação, promovendo a capacidade de escutar diferentes pontos de vista, capacidade de reflexão, com vivências e experiências diferentes.

Como proposta de novos caminhos de intervenção sugeriria a observação directa do trabalho do professor de educação especial em contexto de sala de aula e fora de sala de aula, de modo a ampliar a coerência da *praxis* ao nível da Diferenciação Pedagógica. A existência de dois professores em sala de aula poderá facilitar a diferenciação simultânea - por exemplo, cada um deles poderá dar apoio a diferentes tipos de trabalho em desenvolvimento, criando oportunidades ricas de aprendizagem aos alunos, fornecendo-lhes instrumentos de aprendizagem mais adequados.

Após esta experiência tão diversa e rica parece-me que a caminhada ainda é longa, e que a diversidade deve continuar a ser vista e reflectida como algo benéfico. Os desafios que me esperam serão seguramente maiores que aqueles que já enfrentei, requerendo um esforço ininterrupto de avaliação que só se tornará eficaz quanto mais partilhado e gerido de forma cooperada.

## Bibliografia

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação; um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico manipulativo*. Porto: Porto Editora.
- Barone, F. (2010). *Manual do trabalho escolar*. Lisboa: ESEI Maria Ulrich.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Correia, L.M. (2005). *Inclusão e NEE: Um Guia para Educadores e Professores*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L.M. & Martins, A. P. (2000). Uma Escola Para Todos: Atitudes dos Professores Perante a Inclusão. *Inclusão, 1*, 15 – 29.
- Formosinho & Niza, S. (2007). *Modelos curriculares para a educação de infância*. (4ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Heimborge & Rief, (2000). *Como Ensinar Todos os Alunos na Sala de Aula Inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Lacerda, M. (2013). *Apontamentos das aulas de Psicopedagogia das Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: ESEI Maria Ulrich
- Decreto-lei 88/85, de 1 de Abril de 1985 (1985, 1 de Abril). Ministério da Educação. Lisboa
- Decreto- lei nº 3/2008, de 7 de Janeiro de 2008 (2008, 7 de Janeiro). Ministério da Educação. Lisboa.

Machado, J. & Formosinho. (2012). *Turma Mais e Sucesso Escolar – Fragmentos de um Percurso*. Braga: CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho.

Moll, C.L. (1990). *Vygotsky e a educação*. Santana: Artmed.

Morgado, J. (1997). *A Relação Pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença.

Morgado, J. & Paraskeva, J. M. (2000). *Currículo: factos e significações*. Porto: Edições Asa.

Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação – Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Perrenoud, P. (2000). *Dez Novas Competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed.

Perrenoud, P. (2010). Não existe inclusão eficaz sem diferenciação pedagógica dentro das turmas regulares. *Educação Inclusiva*, 1, 15-18.

Roldão, M.C. (1999). *Gestão curricular – Fundamentos e Práticas*. Lisboa: DEB, Ministério da Educação.

Rodrigues, D. (2002). *Perspectivas sobre a Inclusão – Da Educação à Sociedade*. Porto: Porto Editora.

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – bases psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

## Anexos

### Anexo I-Quadro I – Elementos essenciais, a nível nacional e internacional, na evolução de conceitos e práticas de inclusão- “Escola para Todos”.

1940/1950	1960	1970	1980	1990	2000
<p><b>1944-</b> Classes especiais – Instituto Aurélio da Costa Ferreira (para alunos com problemas de aprendizagem)</p> <p><b>1948- Declaração Universal dos Direitos Humanos</b></p> <p><b>1956-</b> Em Portugal, movimento de, médicos, pais e voluntários criam LPDM, APPACDM, Centro Helen Keller,...</p> <p><b>1959-</b> Conceito de normalização, incorporado pela lei Dinamarquesa.</p>	<p><b>Década de 60-</b> Fenómeno do Insucesso escolar dos alunos</p> <p><b>Década de 60 Portugal-</b> programas destinados a alunos com deficiência visual (escolas preparatórias e secundárias – principais cidades do país)</p> <p><b>1967-</b> Lei Sueca – desloca o conceito de normalização dos resultados obtidos para os meios e métodos.</p>	<p><b>1970-</b> Sistema em cascata de serviços educativos (Evelyn Deno)</p> <p>-Meio menos restritivo possível</p> <p><b>1970 Portugal-</b> Movimento de pais e Professores, CERCIS</p> <p><b>1972-</b> 1º Trabalho de fundo, realizado no Canadá, sobre o princípio de normalização de vida, aplicável a qualquer pessoa com deficiência.</p> <p><b>1972-</b> Criação das divisões de EE do Ensino básico e secundário</p> <p><b>1973 Portugal-</b> Ministério da Educação assume a Educação</p>	<p><b>1981- Ano Internacional das pessoas com deficiência</b></p> <p><b>1983-1993-</b> Década das pessoas com deficiência</p> <p><b>1981-</b> Distinção de várias formas de Integração (Soder)</p> <p><b>1986-</b> Portugal-LBSE</p> <p><b>1988-</b> Reconhecimento Legal das equipas de Educação Especial</p> <p><b>1989-</b> Convenção</p>	<p><b>1990- Declaração Mundial sobre Educação para Todos</b></p> <p><u><b>1991- Decreto-Lei nº 319/91, de 23 de Agosto- Define medidas de Regime Educativo Especial a aplicar a alunos com NEE nos ensinos básico e secundário</b></u></p> <p><u><b>1993- Aplica o disposto no DI 319/91, às crianças com NEE que frequentam os jardins de Infância</b></u></p> <p><b>1993- Norma sobre Igualdade de Oportunidades para pessoas com Deficiência</b></p> <p><b>1994- Declaração de Salamanca</b></p> <p><b>1997-</b> Lei-quadro da Educação Pré-Escolar- Lei nº 5/97</p> <p><u><b>1997-Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar- Despacho nº 5220/97 (2ª</b></u></p>	<p><b>2001-</b> Perfil Geral de Desempenho Profissional de Educador de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário (Decreto – Lei nº 240/2001) e Perfil Específico de desempenho Profissional do Educador de Infância e do professor do 1º ciclo do Ensino Básico (Decreto-Lei nº 241/2001).</p> <p><b>2003-</b> Ano Europeu da Pessoa Com Deficiência.</p> <p><u><b>2008- Educação Especial- Aplicação do Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de Janeiro, tem como premissa a qualidade de ensino orientada para o sucesso de todos os alunos. Um aspecto determinante dessa qualidade é o desenvolvimento de uma escola inclusiva</b></u></p>

		Especial	sobre os	<u>série)</u>	<u>(...).</u>
			Direitos da	<u>1997- Despacho conjunto nº</u>	
			Criança.	<u>105/97 de 1 de Julho-</u>	
		<b>1975- Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes.</b>		<u>Normas Orientadoras para a Realização de Apoios Educativos nas Escolas</u>	
		<b>1975- Public-Law 94-142 (Americana)</b>		<b>1998- Relatório do Conselho Nacional de Educação- “NEE – Problemas, contributos e recomendações” (CNE,1998)</b>	
		<b>1978- Warnock Report (Inglaterra)</b>		<u>1999- Parecer nº 3/99 – Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre a educação de crianças e alunos com NEE</u>	
				<u>1999- Despacho conjunto nº 891/99- Orientações Reguladoras da Intervenção Precose para crianças com deficiência ou em risco de atraso grave do desenvolvimento e suas famílias.</u>	

**Quadro I** - Elementos essenciais, a nível nacional e internacional, na evolução de conceitos e práticas de Inclusão – “Escola para todos” (Brito, A.T., 2008)

**Anexo II -Quadro II- Perspectiva centrada no aluno e no currículo.**

<b>Perspectiva centrada no Aluno</b>	<b>Perspectiva Centrada no Currículo</b>
Atenção centrada nas incapacidades da criança.	Atenção centrada na intervenção pedagógica capaz de desenvolver as capacidades de todos os alunos.
Intervenção individualizada visando essencialmente a recuperação do deficit a cargo de especialistas.	Intervenção visando o grupo e procurando assegurar a maior eficácia para todos através de estratégias diversificadas.
Espaços especiais e programas diferentes para os alunos com necessidades educativas especiais	Adaptação das estratégias de ensino na sala de aula de modo a responder às necessidades individuais (com apoio que for necessário) e visando o currículo comum.
	A dificuldade dos alunos é um estímulo à melhoria do ensino.

**Quadro II** – Perspectiva centrada no aluno e no Currículo (Lacerda, 2013).

**Anexo III -Autorização para efectuar gravação concedida (professora educação especial).**

- **Autorização para efectuar gravação concedida.**

Eu, ( .....,) Professor(a) de Educação Especial, da turma 3º B., autorizo que a professora / estagiária Patrícia entreviste e grave em áudio a minha entrevista, no âmbito da investigação que me foi dada a conhecer.

Data:14..../.....04.../2015

..... ( ... ) .....

(Assinatura do professor(a) Educação Especial)



## Anexo IV-Reprodução integral da entrevista.

- Reprodução integral da entrevista (página 3 a 4)

<b>1</b>	<b>Entrevista Semi-directiva</b>
<b>2</b>	<b>Local: Escola</b> <b>Data: 14 de março de 2015</b> <b>Hora: 11h00</b>
<b>3</b>	<b>Duração : 05 m 58 s</b>
	<b>Entrevistado:</b> Professor (a) educação especial
	<b>Entrevistador:</b> Ana Patrícia Néo

<b>1. Idade</b>	49
<b>2. Género</b>	Feminino
<b>5. Habilitações</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Educadora de Infância</li> <li>• Licenciatura em Educação Especial</li> <li>• Especialização em problemas Emocionais / cognitivos</li> <li>• Mestrado em Educação Especial</li> </ul>
<b>6. Actividade profissional</b> □ <b>Em quantos estabelecimentos de ensino leccionou ?</b>	Privados: 0 IPSS: 1 Ensino público: 4

	Transcrição da entrevista
001	Patricia (P) – <b>Bom dia. Irei agora proceder à entrevista à professora de educação especial da escola onde realizei estágio. Bom dia.</b>
002	Professora Educação Especial (EE) – Bom dia Patrícia.
003	<b>P – O que entende por diferenciação pedagógica?</b>
004	EE – Eu entendo que é um conjunto de medidas que se adotam para que o processo de ensino – aprendizagem, em relação aos alunos colmate as suas dificuldades e permitam que cada aluno atinja o seu máximo na realização dos objectivos propostos para ele.
005	<b>P- Como professora de educação especial considera ter um papel mediador no processo de ensino – aprendizagem?</b>
006	EE- Sim esta mediação traduz-se também através de um trabalho complementar com a professora da turma e também com a família dos alunos.
007	<b>P- De que forma é realizado o trabalho com os professores titulares de turma, nomeadamente com a professora titular da turma 3º B (grupo com quem desenvolve o estágio e estudo base deste relatório)?</b>
008	EE- Existe uma partilha de ideias em relação a desenvolver regularmente com o aluno quer em relação à metodologia quer às estratégias a adotar, faz-se regularmente uma avaliação dos objectivos alcançados pelos alunos ... de forma a colmatar a alguma problemática que nasça entretanto. O trabalho realizado pela professora de educação especial é realizado em contexto de sala de estimulação, que é um espaço onde se permite realizar actividades para ... onde mais que venham complementar o trabalho que a professora do regular desenvolve em sala de aula, portanto nesta sala são permitidas actividades sensoriais através de jogos, através de fichas de trabalho, através de actividades lúdicas que ... permitem um desenvolvimento das capacidades onde os alunos têm mais dificuldades.
009	<b>P- A Isabel vai avaliando as crianças que acompanha, vai percebendo as dificuldades que vão estando ... mais visíveis e vai trabalhando nesse sentido?</b>
010	EE- Exactamente... normalmente o trabalho na parte da sala de estimulação é um trabalho muito focado na problemática da criança, se a criança tem problemática a nível da concentração – atenção, faz-se um trabalho a nível da atenção – concentração especificamente, se o trabalho é mais a nível da parte sensorial motora faz-se um trabalho mais nessa parte. Se o trabalho tem mais a ver com questões da leitura e da escrita faz-se portanto, traça-se objectivos e faz-se um trabalho de acordo com isso. Como? Utilizando aaa jogos e medidas pedagógicas funcionais.
011	<b>P- Muito bem. E essas estratégias são conversadas com o professor do regular?</b>
012	EE- O professor do regular está a par do trabalho que se faz aqui, é há sempre momentos aaa de avaliação onde se fala do trabalho.
013	<b>P- Obrigada <del>Isabel</del>. Como caracteriza e descreve o trabalho realizado com as crianças deste grupo / turma? Nomeadamente, qual a intencionalidade subjacente ao trabalho realizado com as crianças com necessidades educativas especiais deste grupo fora de sala de aula?</b>
014	EE- É com eu disse, aaa é um trabalho caracterizado por actividades diferenciadas daqueles que se faz na sala de aulas, que mas que vem estimular as áreas onde os alunos têm mais dificuldades, utilizando as tais estratégias que proporcionam uma aprendizagem funcional, portanto aaa os alunos têm uma aprendizagem talvez mais activa e que depois complementa o trabalho que a professora tem que desenvolver em

	sala de aula, mesmo utilizando essa diferenciação pedagógica.
015	<b>P- Muito bem. Há mais algum aspecto que gostasse de focar relativamente à criança que acompanha assim como à questão da diferenciação pedagógica em primeiro ciclo?</b>
016	EE- A criança que acompanho deste grupo aaa (pausa), não tenho muito a acrescentar porque de facto em relação a esta criança é feita uma diferenciação pedagógica muito adequada, tanto em termos de sala de aula como em termos da sala de estimulação, aaa agora em relação à diferenciação pedagógica do primeiro ciclo deve-se, penso que ainda há uma caminhada para se fazer aaa porque hum é um processo muito importante para os alunos com NEE, para que o seu funcionamento quer em grupo quer em classes em geral possa ter um um portanto uns resultados mais positivos, deverá haver um clima de trabalho adequado que permita o seu desenvolvimento, isto é, penso que o trabalho aaa a nível da diferenciação pedagógica do primeiro ciclo ainda tem um longo caminho para ser feito e isso implica outras questões como o número de alunos por sala de aula, aaa as formações que os professores têm em relação a estas questões.
017	<b>P- Mais nada a acrescentar?</b>
018	EE- Mais nada a acrescentar.
019	<b>P- Obrigada.</b>

**Anexo V -Autorização para efectuar gravação concedida (professora cooperante)**

- **Autorização para efectuar gravação concedida.**

Eu, ( .....), Professor(a) cooperante, da turma 3º B., autorizo que a professora / estagiária Patrícia entreviste e grave em áudio a minha entrevista, no âmbito da investigação que me foi dada a conhecer.

Data:14..../.....04.../2015

..... ( ... ) .....

(Assinatura do professor(a) cooperante)

## Anexo VI -Reprodução integral da entrevista

- Reprodução integral da entrevista (página 3 a 4)

<b>4</b>	<b>Entrevista Semi-directiva</b>
<b>5</b>	<b>Local: Mem- Martins</b> <b>Data: 14 de março de 2015</b> <b>Hora: 10:49</b>
<b>6</b>	<b>Duração : 3m4s (1ª parte)</b>
	<b>Entrevistado:</b> professora cooperante
	<b>Entrevistador:</b> Ana Patrícia Néo

<b>1. Idade</b>	40
<b>2. Género</b>	Feminino
<b>5. Habilitações</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Curso de professora do 1º Ciclo do Ensino Básico.</li> <li>• Formação científica pedagógica do 1º Ciclo</li> </ul>
<b>6. Actividade profissional</b> □ <b>Em quantos estabelecimentos de ensino leccionou ?</b>	Ensino público: 3

	Transcrição da entrevista
001	<b>Patricia (P) – Entrevista à professora. Bom dia, neste momento encontro-me a realizar o relatório final no âmbito do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico, na Escola Superior de Educadores Maria Ulrich, sob a orientação do Mestre Paulo Pires do Vale e da professora Doutora Ana Teresa Brito. Para a realização deste estudo é de grande relevância obter a opinião da professora titular de turma sobre a diferenciação pedagógica, assim como compreender o modo como a implementa em sala de aula.</b> <b>Vou passar então a questionar a professora, professora cooperante no meu estágio de mestrado.</b> <b>Bom dia professora N.</b>
002	Professora titular (PT) - Bom dia Patrícia. Então vamos começar.
003	P – <b>Vamos começar.</b>
004	P – <b>Quantos alunos tem o seu grupo no presente ano lectivo?</b>
005	PT- A minha turma neste momento tem 21 alunos.
006	<b>P- Deste grupo quantas crianças são apoiadas por equipas locais de intervenção precoce ou educação especial?</b>
007	PT- Tenho três crianças a frequentar a educação especial, uma delas tem o apoio indirecto.
008	<b>P- Apresentam alguns problemas de comportamento ou de desenvolvimento?</b>
009	PT- Duas das crianças apresentam problemas de desenvolvimento, problemas cognitivos.
010	<b>P- Obrigada.</b>
011	PT- A criança que tem apoio indirecto não tem problemas cognitivos, não apresenta problemas nenhuns de desenvolvimento nem de comportamento, nomeadamente tem um problema de saúde por isso mesmo está abrangido por este decreto.
012	<b>P- De um modo geral como caracteriza a sua turma, nomeadamente a nível de aprendizagem de afectos de cooperação entre os alunos, relação adulto / criança?</b>
013	PT- A turma é constituída por vinte e um alunos, dezanove alunos do terceiro ano e dois alunos do segundo ano. Aaa, no grupo do terceiro ano há duas crianças que estão inseridas no decreto de lei 3/2008 e no grupo do segundo ano há uma criança a frequentar a educação especial duas vezes por semana, apresentando um atraso cognitivo, esta criança tem programa educativo especial e as outras crianças que estão na educação especial também, aaa e têm adequações curriculares no seu processo de aprendizagem. Nas aprendizagens eu procedo à avaliação formativa e contínua e à avaliação sumativa no final de cada período, relativamente aos afectos promovo um bom desenvolvimento afectivo, emocional e tento estabelecer uma relação pedagógica baseada no princípio de aprender à aprender afim que os alunos gostem de estar na escola a trabalhar, relativamente à cooperação o apoio prestado aos alunos foi sempre positivo e tento envolver os encarregados de educação solicitando o seu apoio, dentro do grupo as crianças respeitam-se mutuamente.

<b>7 Entrevista Semi-directiva</b>
<b>8 Local: Mem- Martins</b> <b>Data: 14 de março de 2015</b> <b>Hora: 12:32</b>
<b>9 Duração : 8m46s (2ª parte)</b>
<b>Entrevistado:</b> professora cooperante
<b>Entrevistador:</b> Ana Patrícia Néo

- **Reprodução integral da entrevista (página 2 a 3)**

001	Patricia (P) – <b>Quais os factores que na sua perspectiva influenciam as diferenças de aprendizagem da turma?</b>
002	Professora titular (PT) – Para mim, o ambiente familiar das crianças é muito importante e esta escola está inserida num bairro social que faz parte do agrupamento de escolas TEIP, aaaa não existe por parte das famílias um interesse na educação dos filhos sendo inexistente os hábitos de trabalho, há então um desinteresse por parte das famílias na educação dos seus próprios educandos, daí as dificuldades de aprendizagem de algumas das nossas crianças, serem tão evidentes.
003	P – <b>Em relação às reuniões de entregas de avaliação, os pais costumam ser assíduos, costumam vir às reuniões?</b>
004	PT– Numa turma de vinte e um alunos, na avaliação do segundo período faltaram sete, eu acho que é um número muito elevado, aaaa no entanto poderá estar relacionado com situações com o emprego havendo sempre o papel que os pais levam para casa com a justificação , com a presença em como estiveram na reunião.
005	P- <b>Relativamente às crianças com necessidades educativas especiais, os pais costumam procurá-la para saber o desenvolvimento dos seus filhos?</b>
006	PT- As duas crianças que estão no terceiro ano sim, há essa preocupação por parte dos encarregados de educação, aaaa menina que está no segundo ano que ficou retida o ano passado, não há essa preocupação, nem os pais vêm receber a avaliação da sua filha.
007	P- <b>Acha que de algum modo isso a poderá prejudicar a nível de sala de aula no seu desempenho?</b>
008	PT- A nível de sala de aula não, porque penso que há sempre um apoio individual por parte da docente com o trabalho da menina, mas a nível do trabalho de casa os tais hábitos de trabalho que são necessários a criança ter, não há porque a menina não tem ninguém que a acompanhe.
009	P- <b>Utiliza um ou vários modelos curriculares específicos como base da sua intencionalidade pedagógica e organização do ambiente educativo?</b>
010	PT- Na organização da minha sala de aula eu tenho como referência o modelo curricular da Escola Moderna, as crianças encontram-se sentadas em grupos de quatro elementos facilitando um trabalho cooperativo entre todos. No entanto na aquisição da leitura utilizo o método

	global juntamente com o analítico sintético, mas a aluna do segundo ano com necessidades educativas especiais está a trabalhar o método das vinte e oito palavras pois as suas aquisições estão a ser desenvolvidas através da memorização, dentro da sala de aula há uma diversificação das tarefas e das responsabilidades nomeadamente o mapa de presenças, o calendário, pronto, todas estas actividades iniciam-se à segunda – feira e termina à sexta- feira existindo um grupo organizador da semana, além desta diversificação de tarefas, existe também a diversificação dos materiais de apoio, como é o caso da biblioteca de turma e dos ficheiros auto – correctivos. Existe ainda um diário de turma com quatro colunas: a coluna dos gostei, a coluna do não gostei, a coluna do fizemos, a coluna das sugestões, no qual as crianças escrevem aquilo que entenderem e não há nenhum tipo de penalização em relação aos erros, no final da semana vai-se encerrar um ciclo de aprendizagens e em assembleia de turma é feita a orientação dos comportamentos relativos ao diário de turma.
011	<b>P- As crianças da turma costumam recorrer a estes materiais, por exemplo ao Diário de Turma?</b>
012	PT- Sim, eles gostam, fazem sugestões, a maior parte das sugestões que eles colocam está relacionada com a área curricular de estudo do meio, fazem muito gostam muito de fazer pesquisas sobre animais e pedem mesmo, para serem apresentados algum tipo de power points, na coluna do gostei e do não gostei é uma coluna que é muito utilizada por eles, pois ainda não conseguem resolver alguns conflitos entre pares e têm a necessidade de ter ainda o apoio do adulto, no entanto quando chega à sexta – feira há algumas situações que já ficaram resolvidas e já não são abordadas em assembleia de turma.
013	<b>P- Muito obrigada, a assembleia de turma é realizada em sala de aula ou recorre a outro espaço da escola?</b>
014	PT- Normalmente utilizamos a biblioteca, estamos sentados em roda com as perninhas à chinês, para nos conseguirmos ver todos, existe um presidente que irá fazer toda a leitura das colunas e há a secretária porque os meninos fazem mesmo uma acta que vai ser assinada por todos os que estiveram presentes e é feito na biblioteca de escola.
015	<b>P- E eles gostam?</b>
016	PT- Gostam, e acho que todos os conflitos que existem entre eles muitos deles originados por causa do futebol na hora do intervalo acabam por ser resolvidos e eles acabam por ser justos uns com os outros, pronto, claro que existem também algum tipo de consequências das atitudes que não são correctas.
017	<b>P- O que entende por Diferenciação Pedagógica?</b>
018	PT- Na diferenciação pedagógica os alunos com necessidades educativas especiais têm adequações curriculares individuais de acordo com o currículo comum , e tem de ser de acordo com o currículo comum para não pôr em causa a aquisição das competências em final de ciclo , no entanto estes alunos acabam por beneficiar mais tarde em exames das provas de escola.
019	<b>P- Implementa esta diferenciação pedagógica em sala de aula, de que modo? Que estratégia utiliza?</b>
020	PT- Às vezes quero fazer mais do que aquilo que sou capaz, nem sempre é possível , porque o grupo turma absorve grande parte do meu tempo devido à complexidade das metas curriculares , aquilo que eu tento porque os alunos têm diferentes ritmos de aprendizagem é colocar os alunos mais autónomos , trabalhar em silêncio de modo a ter disponibilidade para prestar um apoio individualizado aos alunos com necessidades educativas especiais.
021	<b>P- Quais os desafios de uma turma que inclui alunos com necessidades educativas especiais?</b>
022	PT- Para mim o grande desafio é a gestão curricular, eu considero que a gestão curricular é difícil e tento fazer esta partilha com os meus colegas de modo a aferirmos resultados, tenho de planificar para o terceiro ano, planificar para uma aluna do segundo ano que ficou retida o



	ano passado por não ter atingido as competências essenciais e tenho ainda de planificar para a aluna do segundo ano, com necessidades educativas especiais que ficou retida o ano passado mas que se encontra a nível de um primeiro ano, ou seja, toda esta gestão curricular para mim acaba por ser um desafio muito grande.
023	<b>P- Em relação a essa partilha que faz com os restantes docentes fazem reuniões de avaliação ou vão fazendo no seu quotidiano?</b>
024	PT- Esta partilha é feita em reuniões de ano, no final de cada período quando fazemos programação para o período seguinte e é também feita de acordo com o colega na escola, que também tem o mesmo ano de escolaridade.
025	<b>P- Na sua opinião qual o papel do professor de educação especial na inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais, mais concretamente na promoção da diferenciação pedagógica?</b>
026	PT- Eu acho que o professor de educação especial, tem um papel muito importante na inclusão destes alunos, e é necessário uma cooperação da docente do regular com a docente da educação especial de modo a garantir um bom nível de educação para o aluno, através das diferentes estratégias de acordo com as limitações de cada aluno.
027	<b>P- E existe essa mesma partilha?</b>
028	PT- Sim é feito esta partilha das dificuldades de modo a que seja feito um ensino cooperativo entre ambos os docentes.
029	<b>P- Há mais algum aspecto que gostasse de ver focado, relativamente à sua turma e à questão da diferenciação pedagógica?</b>
030	PT- Não, não será necessário adiantarmos mais nada.
031	<b>P- Obrigada pela sua disponibilidade.</b>

## **Anexo VII-Atividade nº1**

Prática de Ensino Supervisionada (PES) 1º CEB. Planificação de uma tarefa/ou sequência

### **Planificação de uma tarefa / ou sequência**

**I- Planificação de uma tarefa /ou sequência**

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Data e Duração
3º Ano  19 Alunos	Português	<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura da história “A ovelhinha que veio para o jantar”.</li> <li>Ficha de interpretação</li> </ul>	16 de janeiro de 2015.  Tem a duração de 1h20m.

O que pretendo que o aluno aprenda:			
Domínios/ Conteúdos Programáticos	Metas/ Objetivos	Operacionalização (descritores)	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler para apreciar textos literários (meta 23)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler e ouvir obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.</li> <li>Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Produzir discursos com diferentes finalidades</li> <li>Elaborar, por escrito e de modo autónomo, respostas a questionários</li> <li>Prestar atenção ao que ouve de modo a responder a questões acerca do que ouviu e a fazer inferências.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Observação</li> <li>Correção da ficha de trabalho oralmente e por escrito</li> </ul>
<b>Razão de escolha da tarefa:</b>	Ao longo das semanas tenho observado que os alunos gostam de histórias de literatura infantil. Deste modo parece-me ir ao encontro dos seus gostos, aliando os conteúdos científicos previstos nas metas curriculares.		

O que proponho para que o aluno aprenda	
<b>Metodologia</b>	<p style="text-align: center;"><i>expectativa</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Começarei por criar <u>expectativa</u> (com entoação e teatralidade da minha parte) em relação ao conteúdo do que estará na minha caixa pedagógica “Aprender brincando”.</li> <li>Mostrarei uma imagem real de um lobo e de uma ovelha, que será tirada da caixa pedagógica, questionando os alunos acerca do conhecimento deles de histórias infantis com estas personagens.</li> <li>Após esta abordagem, mostrarei o livro iniciando uma conversa</li> </ul>

Prática de Ensino Supervisionada (PES) 1º CEB. Planificação de uma tarefa/ou sequência

	<p>acerca do mesmo. Colocando questões do género:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O que pensam desta história? Falará de quê?</li> <li>✓ O que irá acontecer à ovelha?</li> <li>✓ E ao lobo?</li> </ul> <p>(Poderão surgir outras questões, mediante a intervenção dos alunos).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Darei início à leitura da mesma.</li> <li>• Falaremos acerca do que escutaram, tendo em conta a respetiva ficha de trabalho.</li> <li>• Terminam a ficha alusiva à história.</li> <li>• A ficha irá ser trabalhada em grande grupo oralmente, posteriormente será feita a correção no quadro.</li> </ul>
<b>Ação do professor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cativar os alunos,</li> <li>• Ouvir e questionar os alunos,</li> <li>• Corrigir os exercícios realizados pelos alunos,</li> </ul>
<b>Organização dos alunos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os alunos estarão organizados por 5 grupos de trabalho.</li> </ul>
<b>Comunicação dos Resultados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Circularéi pela sala dando uma atenção individualizada, como complemento será feita a correção no quadro, de modo a que os alunos verifiquem as suas respostas.</li> </ul>
<b>Recursos Materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro “ A ovelhinha que veio para o jantar “,</li> <li>• 5 Livros da história “ A ovelhinha que veio para o jantar”,</li> <li>• Caixa pedagógica “ Aprender Brincando”,</li> <li>• Imagem Lobo,</li> <li>• Imagem Ovelha,</li> <li>• Ficha de trabalho.</li> </ul>
<b>Recursos Humanos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estagiária,</li> <li>• Alunos,</li> </ul>
<b>Previsão de dificuldades/erros</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tendo dois elementos que necessitam de uma atenção individualizada visto encontrarem-se em níveis de desenvolvimento diferente poderei não conseguir dar a atenção necessária, sendo esta uma preocupação minha constante, embora as fichas de trabalho estejam adequadas ao seu nível de desenvolvimento.</li> </ul>
<b>Prevenção das dificuldades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poderá existir alguma agitação, visto que os alunos gostam muito de histórias de literatura infantil. Caso exista esta situação relembro as regras de sala de aula, assim como a importância do respeito. Embora da última vez que lhes li uma história tenha corrido</li> </ul>



Prática de Ensino Supervisionada (PES) 1º CEB. Planificação de uma tarefa/ou sequência

	<p>lindamente.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Ter um elemento “ estranho” na sala poderá suscitar alguma curiosidade.</li> </ul>
<p><b>Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>No meu entender parece-me uma história que facilmente se poderá ligar com as outras áreas de aprendizagem, dando como exemplo: <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Expressão Dramática: dramatização da mesma.</li> <li>✓ Expressão Plástica: criação das personagens.</li> <li>✓ Expressão Musical: Exploração de sons.</li> <li>✓ Área do Estudo do Meio: Estudo do habitat dos animais existentes na história.</li> <li>✓ Área de Matemática: Criação de problemas e solução dos mesmos.</li> </ul> </li> </ul>

**II- Reflexão sobre a Implementação da Tarefa ou Sequência Didática**

<b>Relato da atividade/ aula</b>	
<p>Leitura da história “ A ovelhinha que veio par o jantar”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>No início da aula a minha orientadora de estágio apresentou-se aos alunos de uma forma lúdica, fazendo com que os mesmos <sup>perdessem</sup> a curiosidade em relação a si. De seguida deu-se início às atividades planificadas, em primeiro lugar ao jogo da matemática (o mesmo faz parte da rotina da sala), de seguida recorri à minha caixa pedagógica de modo a fazer o lançamento da tarefa a seguir, leitura da história “ A ovelhinha que veio para o jantar” mostrando-lhes duas imagens reais (uma de um lobo e outra de uma ovelha). Perguntando-lhes que histórias conheciam com estes animais. Obtive várias respostas mas nenhuma delas correspondia à história <sup>racionalizado</sup> planificada, então perguntei-lhes se gostavam de conhecer uma história nova com estes animais, ao que rapidamente disseram que sim. No decorrer da história as ilustrações nunca foram mostradas propositamente, visto tratar-se de um 3º ano e saber de antemão que iria ter um livro por grupo de modo a que pudessem “saborear” o prazer da leitura. Após esta leitura o grupo organizador distribuiu as fichas de trabalho alusivas à história, as duas meninas que estão ao nível de um segundo ano tiveram trabalho diferenciado.</li> </ul>
<b>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:</b>	
<p>Reação (Individual e da turma)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>A turma reagiu bem à presença da professora Luísa, não demonstrando qualquer constrangimento nem agitação. Não demonstraram qualquer agitação relacionada com a história.</li> </ul>

Prática de Ensino Supervisionada (PES) 1º CEB. Planificação de uma tarefa/ou sequência

Questões (imprevistos) que surgiram ao nível:	
Da planificação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ao nível do tempo de sala de aula não foi cumprido devido ao facto da professora orientadora ter demorado 20 minutos na sua apresentação à turma, e na minha planificação não tinha contado com esse tempo.</li> </ul>
Como os resolvi:	
Imprevisto B	<ul style="list-style-type: none"> <li>Foi explicado aos alunos que a correção da ficha de trabalho seria feita na próxima segunda-feira (na sexta feira à tarde a professora titular não tem tempo letivo).</li> <li>A apresentação por parte da professora orientadora, foi bastante benéfica visto que os alunos perderam o interesse acerca da mesma, visto que não sabem que estou a ser avaliada.</li> </ul>
Dar continuidade:	
Em que áreas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Expressão plástica</li> <li>Expressão pelo Movimento</li> </ul>
Como	<ul style="list-style-type: none"> <li>Construção de um cenário utilizando plasticina</li> <li>Jogo do “ Coelho e do caçador”</li> </ul>
Quando	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dia 19 de janeiro de 2015</li> </ul>

### III- Conclusão

De um modo sucinto posso concluir que a aula decorreu de um modo normal, consegui atingir os meus objetivos, desenvolvendo o gosto o prazer pela leitura, incentivando a criatividade a imaginação. Fazer com que as crianças apreendam a ouvir a voz que é emanada pelo contador, neste caso eu própria. As histórias são generalizadamente significativas no método de compreensão e sensibilização para sons e segmentos semânticos do mundo físico e social circundante assim como relevantes no contexto da aprendizagem de uma língua. Uma história habitua a criança ao contato com múltiplas construções linguísticas ao qual a criança poderá sempre recorrer assim que sentir necessidade, porque o processo de assimilação já terá acontecido no decorrer das atividades, qualquer história apresenta a linguagem em contexto, repercutindo necessariamente estruturas essenciais à compreensão, que serão interiorizadas pela criança. As histórias são umas autênticas fábricas de fantasia.

As duas crianças que têm trabalho diferenciado mostraram-se bastante integradas na tarefa, não revelando grandes dificuldades na concretização da mesma, pode aferir que ambas gostam de ouvir contar histórias sentido que fazem realmente parte da turma.

Numa próxima atividade deverei dar mais importância aos silêncios, tentando não interferir tanto no seu trabalho autónomo.

Com esta tarefa consegui apreender que a comunicação linguística está presente em toda a minha atuação em sala de aula, deste modo deverei ter muita atenção à utilização da mesma, visto que o

## Prática de Ensino Supervisionada (PES) 1º CEB. Planificação de uma tarefa/ou sequência

educador/professor é o modelo dos alunos, ao trabalhar com figuras da linguagem que exploram o som das palavras, aumentando deste modo o prazer de escutar uma história.

*«Continuará a ser um bom leitor se os adultos que o cercam alimentarem o seu entusiasmo em vez de tentarem provar a sua competência, se estimularem o seu desejo de aprender em lugar de lhe imporem a obrigação de recitar, se o acompanharem no seu esforço sem esperarem contrapartidas, se aceitarem perder noites em vez de procurarem ganhar tempo, se fizerem vibrar o presente sem acenar com a ameaça do futuro [...].»*

*Daniel Pennac, Como um Romance (página 59, Edição 59, Edições ASA)*

## Anexo VIII-Fichas de interpretação relativas à actividade 1

2. Esta frase quer dizer que (assinala a resposta correta):

- ***“Já nem me lembro da última vez que alguém me fez uns mimos! – reconheceu o lobo”.***

- ☐ Alguém dava mimos ao lobo todos os dias.
- ☐ O lobo já há muito tempo que não recebia mimos de ninguém.
- ☐ O lobo tinha muitos amigos.
- ☐ O lobo era muito querido!

3. - Ordena, de 1 a 8, os acontecimentos de acordo com a história.

	A ovelhinha ficou com soluços e o lobo pegou-lhe ao colo.
8	O lobo e a ovelhinha ficaram amigos e comeram uma bela sopa de legumes
1	Bateu à porta do lobo uma ovelhinha que estava cheia de frio.
	O lobo pôs a ovelhinha na rua porque já não a queria comer...
	A ovelha deu um beijinho ao lobo.
	Um lobo matreiro tinha para o jantar uma sopa de legumes.
	O lobo ficou arrependido do que fez e correu pela floresta à procura da ovelhinha.
	O lobo deu uma cenoura à ovelhinha.

4. Lê com atenção as frases seguintes:

- A linda ovelhinha bateu à porta do lobo.
- Uma ovelhinha congelada?
- Que azar o meu!



5. Das frases apresentadas no exercício anterior, copia aquela que:

- É do tipo exclamativo:

---

---

- É do tipo interrogativo:

---

---

- É do tipo declarativo:

---

---

Português  
Ficha de Trabalho  
2º Ano



Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

1 – Observa com atenção a capa do livro.



1. Preenche os dados do livro:

• Título: \_\_\_\_\_

• Autora: \_\_\_\_\_

• Ilustradora: \_\_\_\_\_

• Editora: \_\_\_\_\_

1 - Assinala com **X** a opção correta, para completares a frase de acordo com o sentido do texto:

Os personagens da história são...



um leão

☐

uma ovelha

☐

um lobo

☐

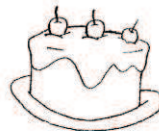
uma cabra

☐

2 - Depois de algumas peripécias os dois personagens tornaram-se amigos e foram comer...



fruta.

☐

bolo.

☐

sopa.

☐

3- A história passa-se na ...



Cidade.

☐

Floresta.

☐

Aldeia.

☐

4 - Este livro conta-nos a história que se passa entre um lobo e uma ovelhinha. Escreve algumas frases relativas às personagens, locais e outros elementos do conto, baseando-te nas imagens dadas.



Lobo

---



Ovelha

---



Cenoura

---



Sopa

---



Amigos

---

Português  
Ficha de Trabalho  
1º Ano



Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Depois de ouvires o texto com muita atenção, responde às perguntas:

1 - Assinala com **X** a opção correta, para completares a frase de acordo com o sentido do texto:

Os personagens da história são...



um leão

☐

uma ovelha

☐

um lobo

☐

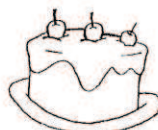
uma cabra

☐

2 - Depois de algumas peripécias os dois personagens tornaram-se amigos e foram comer...



fruta.

☐

bolo.

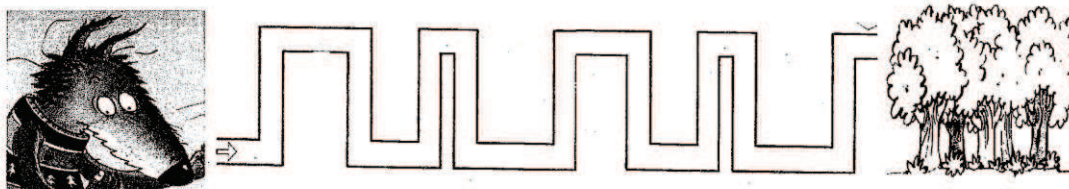
☐

sopa.

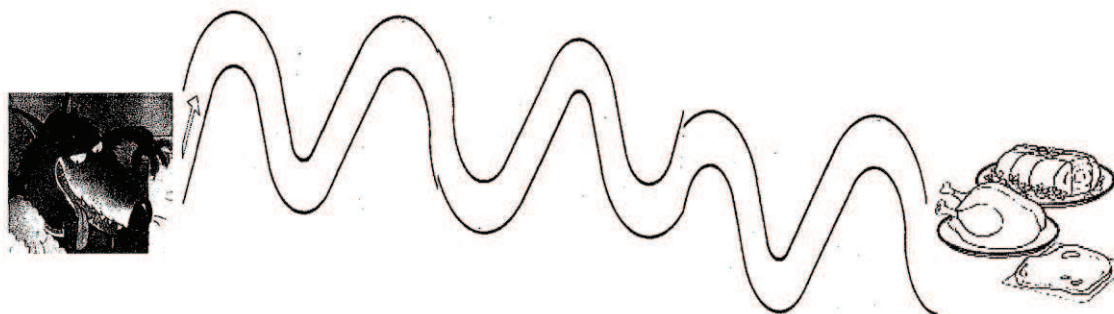
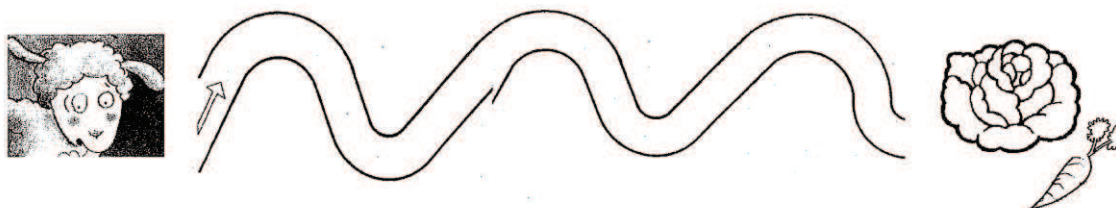
☐



3 - Ajuda a ovelhinha e o lobo a encontrarem as suas casas. Une com um traço percorrendo os caminhos desde os animais até aos locais respetivos.



4- Agora ajuda-os a encontrar os seus alimentos preferidos. Une com um traço percorrendo os caminhos desde os animais até aos alimentos respetivos.



**Anexo IX -Nota de Campo nº5.**

**NOTA DE CAMPO**

Nº da Nota de Campo:

5

**Situação:** Realização do painel alusivo à história “ A Ovelhinha que veio para jantar”

**Data:** 20 Janeiro de 2015

**Hora:** 09h00 às 10h45

**Local:** sala de aula

**Intervenientes:** Professora Estagiária / turma

**Outros indicadores de Contexto:**

Descrição	Inferência
<p>A - Professora podemos dar início ao nosso painel?</p> <p>PE (professora estagiária) - Painel?</p> <p>S- Sim, o da história da Ovelhinha que veio para o jantar.</p> <p>PE- Pensaram como fazer, que ideias têm?</p> <p>A- Pensamos em utilizar plasticina de várias cores.</p> <p>PE- Vamos fazer o seguinte, vão pensar e fazer esse registo de como, com que material, se vão trabalhar</p>	<p>Serão capazes desta organização?</p> <p>Como irão integrar os colegas com NEE?</p>

<p>individualmente ou em grupo, e depois comunicam-me o vosso projecto. Concordam?</p> <p>A-Sim.</p> <p>PE- Meninos, parece-me que já tiveram tempo suficiente, já têm algo para me dizerem?</p> <p>A - Sim, chegámos a acordo que vamos utilizar plasticina, e que cada elemento irá fazer a sua personagem preferida. Depois colamos em papel cenário.</p> <p>S- Professora eu posso fazer as letras?</p> <p>PE- Claro que podes S, estás uma artista nas letras.</p> <p>S – Oh professora.</p> <p>A-Professora, podemos trabalhar dois a dois?</p> <p>PE- Sim, podem. O grupo organizador vai distribuir o caderno diário a cada colega. O painel vai ter início com o grupo número 1, decidam por favor quais os dois elementos do grupo que vão dar início a esta tarefa.</p>	<p>Como irá ser feita esta escolha dos colegas: por empatias? Comportamento?</p>



### **Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)**

O grupo / turma surpreendeu-me pela positiva, demonstraram muita autonomia na realização desta actividade. Existiram algumas situações que necessitaram da minha mediação, mais na gestão de comportamentos. Revelaram capacidade de se organizarem sozinhos, sem dependerem totalmente de mim nem da professora cooperante. As duas meninas do ensino especial foram incluídas naturalmente nos grupos. A menina que não sabe ler nem escrever ofereceu-se de imediato para fazer as letras da história, é de realçar a sua enorme vontade de querer aprender por mais dificuldades que tenha.

Perrenoud (2000) considera que existem dez competências associadas à prática do professor, sendo que estas se referem à " capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação", irei dar destaque aquela que me parece mais pertinente para esta nota de campo:

- **Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação** – A heterogeneidade da turma é um dos maiores desafios para o professor neste sentido, é necessário que detenha a intencionalidade educativa focada para a individualidade dos alunos, apoiando-os e fomentando o trabalho cooperativo entre os mesmos. (pág.15).

A escolha dos colegas não teve qualquer critério por parte dos alunos, escolherem simplesmente o colega que estava sentado ao seu lado.

**Anexo X -Nota de Campo nº6.**

**NOTA DE CAMPO**

Nº da Nota de Campo:

6

**Situação:**

**Data:** 16 Janeiro de 2015

**Hora:** 10h00 10h04

**Local:** sala de aula

**Intervenientes:** Professora / Aluna com NEE

**Outros indicadores de Contexto:**

Descrição	Inferência
<p>C (aluna com NEE) – Professora o meu trabalho é como?</p> <p>PE – Explica melhor o que queres dizer?</p> <p>C – Vou fazer igual ao do A?</p> <p>PE- Sim, quase igual menina linda do meu coração.</p>	<p>Curiosidade? Empenho?</p>

<b>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</b>	

A maneira como interagimos com os alunos, o ambiente que criamos, os métodos que utilizamos para os ensinar afectam expressivamente a motivação e o sucesso dos alunos em contexto de sala de aula. O professor não só ensina inúmeros comportamentos e aptidões académicas como também exerce influência na forma como os alunos aceitam e apreciam as diferenças existentes em todos nós. Para que isto aconteça é importante a relação que o professor estabelece com os alunos, estimulando neles o desejo de aprender e de participar, fazendo sempre o melhor para os ajudar a desenvolver a confiança em si e nos outros. (Heimburge & Rief, 2000).

Parece-me importante que os alunos entendam que todos aprendemos de maneira diferente, e que não existem maneiras de aprender correctas ou incorrectas, de forma a que todos possam ser bem sucedidos neste contexto escolar.

## Anexo XI-Nota de Campo nº1

NOTA DE CAMPO	
Nº da Nota de Campo:	
<div>1</div>	
<p><b>Situação:</b> <b>Data:</b> 9 de fevereiro de 2015 <b>Hora:</b> 12h20 / 12h30 <b>Local:</b> sala de aula <b>Intervenientes:</b> professora estagiária / aluna C <b>Sexo:</b> F <b>Idade:</b> 8 anos <b>Outros indicadores de Contexto:</b></p>	
Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none"><li>- Professora está bem?</li><li>- O que achas?</li><li>- Acho que sim.</li><li>- Sabes escrever a palavra sim?</li><li>- Não.</li><li>- Gostavas de aprender?</li><li>- Sim</li><li>- Então olha como se escreve (a professora estagiária escreve a palavra sim na folha de papel)</li><li>- Que gira é pequena!</li><li>- Quantas letras tem C?</li><li>- 1,2,3.</li><li>- Escreve o número três para a professora ver?</li><li>- É esta professora?</li><li>- Muito bem, que menina linda.</li><li>- Agora vais escrever o 6, por favor.</li><li>- Não consigo professora.</li></ul>	<p>Porque terá achado "gira" a palavra?</p> <p>Terá alguma noção dos sons das palavras?</p> <p>O que entenderá por palavra grande ou pequena?</p> <p>Porquê a necessidade de tanto reforço positivo?</p> <p>Que consciência tem da sequência dos números?</p>

<p>- Vais conseguir sim, eu ajudo-te.</p>	
<p>A criança em questão tem vindo a revelar uma vontade muito grande de aprender, embora tenha dificuldades severas ao nível do seu desenvolvimento cognitivo.</p> <p>Procura constantemente o apoio do adulto, sendo o mesmo de reforço positivo.</p> <p>Nesta situação específica a criança demonstrou que não tem noção de número. Para contar as letras recorreu visualmente aos números que estão expostos na sala de aula, apontando letra a letra até chegar aos 3. No final voltou a recorrer visualmente para confirmar o número 3.</p> <p>Estando próximo da hora de almoço, não voltei ao assunto das letras e do seu tamanho.</p>	

**Olha para a imagem e clica no nome certo:**



**Agora completa:**



É o

menino.

menina.

### Anexo XIII -Guião de entrevista.

Cara(o) professor(a),

Encontro-me a realizar o relatório final no âmbito do Mestrado em Educação Pré- Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Mestre Paulo Pires do Vale e da Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Teresa Brito.

Para a realização deste estudo é de grande relevância a opinião da professora de educação especial sobre a diferenciação pedagógica, assim como compreender o modo como a mesma é trabalhada junto das crianças com quem desenvolve a sua acção.

Para concretizar esta investigação necessito de colaboração através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Com os melhores cumprimentos,

Ana Patrícia Néo  
(patriciano@hotmail.com)

#### Dados pessoais:

Idade:

20 - 25 ☐

26 – 30 ☐

31 – 35 ☐

36 – 40 ☐

40 – 45 ☐

+ 45 ☐

Género:

Masculino ☐

Feminino ☐

#### Dados Profissionais:

Curso de Formação Inicial:

Outros cursos de formação especializada e conferentes de grau:

---

---

---

Grau: ☐ Bacharelato (concluído em \_\_\_\_\_)

☐ Licenciatura (concluída em \_\_\_\_\_)

☐ Especialização / Pós-graduação (concluída em \_\_\_\_\_)

☐ Mestrado (concluído em \_\_\_\_\_)

☐ Doutoramento (concluído em \_\_\_\_\_)

---

Privados \_\_\_\_\_

Em quantos estabelecimentos de ensino  
lecionou:

IPSS \_\_\_\_\_

Ensino público \_\_\_\_\_

---

1. O que entende por diferenciação pedagógica?
2. Como professora de educação especial, considera ter um papel mediador no processo de ensino – aprendizagem?
3. De que forma é realizado o trabalho com os professores titulares de turma, nomeadamente com a professora titular da turma 3º B (grupo com quem desenvolvi o estágio e estudo base deste relatório)?
4. Como caracteriza e descreve o trabalho realizado com as crianças deste grupo / turma? Nomeadamente, qual a intencionalidade subjacente ao trabalho realizado com a(s) criança (s) com NEE deste grupo fora de sala de aula?



5. Há mais algum aspecto que gostasse de focar relativamente à criança que acompanha assim como à criança que acompanha assim como à questão da diferenciação pedagógica em primeiro ciclo?

Muito obrigada pela sua colaboração.

Cara(o) professor(a),

Encontro-me a realizar o relatório final no âmbito do Mestrado em Educação Pré- Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Mestre Paulo Pires do Vale e da Prof.ª Doutora Ana Teresa Brito.

Para a realização deste estudo é de grande relevância a opinião da cooperante sobre a diferenciação pedagógica, assim como compreender o modo como a mesma é trabalhada junto das crianças com quem desenvolve a sua acção.

Para concretizar esta investigação necessito de colaboração através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Com os melhores cumprimentos,

Ana Patrícia Néo  
(patriciano@hotmail.com)

Dados pessoais:

Idade:

20 - 25 ☐

26 – 30 ☐

31 – 35 ☐

36 – 40 ☐

40 – 45 ☐

+ 45 ☐

Género:

Masculino ☐

Feminino ☐

Dados Profissionais:

Curso de Formação Inicial:

Outros cursos de formação especializada e conferentes de grau:

---

---

Grau: ☐ Bacharelato (concluído em \_\_\_\_\_)

Licenciatura (concluída em \_\_\_\_\_)

Especialização / Pós-graduação (concluída em \_\_\_\_\_)

Mestrado (concluído em \_\_\_\_\_)

Doutoramento (concluído em \_\_\_\_\_)

---

Privados \_\_\_\_\_

Em quantos estabelecimentos de ensino  
lecionou:

IPSS \_\_\_\_\_

Ensino público \_\_\_\_\_

---

1. Quantos alunos tem o seu grupo no presente ano lectivo?
2. Deste grupo quantas crianças são apoiadas por equipas locais de intervenção precoce ou educação especial?
3. Apresentam alguns problemas de comportamento ou de desenvolvimento?
4. De um modo geral como caracteriza a sua turma, nomeadamente a nível de aprendizagem de afectos de cooperação entre os alunos, relação adulto / criança?
5. Quais os factores que na sua perspectiva influenciam as diferenças de aprendizagem da turma?
6. Utiliza um ou vários modelos curriculares específicos como base da sua intencionalidade pedagógica e organização do ambiente educativo?
7. O que entende por Diferenciação Pedagógica?

8. Implementa esta diferenciação pedagógica em sala de aula, de que modo?  
Que estratégia utiliza?
9. Quais os desafios de uma turma que inclui alunos com necessidades educativas especiais?
10. Na sua opinião qual o papel do professor de educação especial na inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais, mais concretamente na promoção da diferenciação pedagógica?

Muito obrigada pela sua colaboração.